

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Alexandre Patz Hein

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS: um estudo sobre as
categorias de 10 a 13 anos no futebol.**

Porto Alegre

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Alexandre Patz Hein

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS: um estudo sobre as
categorias de 10 a 13 anos no futebol.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Professor Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2015

Alexandre Patz Hein

**COMPETIÇÕES ESPORTIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS: um estudo sobre as
categorias de 10 a 13 anos no futebol.**

Conceito Final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. – Instituição

Mirim, Tia Ruth, Matheus e Veve: por
vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado vida e salvação, pelo sustento, pelas oportunidades, por sua palavra e principalmente, por sua presença, sendo meu alicerce para tomar minhas decisões.

Aos meus pais, que mesmo de longe, nunca deixaram de me apoiar e torcer por mim. Cada encontro foi um renovar de forças. Cada churrasco, cada viagem e cada pescaria, foram e serão momentos que guardarei para vida toda. Sou grato a vocês não pelo que tenho, mas porque os tenho. Amo vocês, pai e mãe.

Aos meus irmãos, pelo apoio e conselhos. Cada um tem sua importância, seja de longe ou ao meu lado. Levo vocês no meu coração e sei que nossa cumplicidade será pra sempre.

Agradeço ao Professor Voser, por ter me acolhido como um segundo filho. Pelos anos me auxiliando e me moldando a ser um melhor profissional e acima de tudo, uma melhor pessoa.

Agradeço ao Professor Balbinotti, pela oportunidade me iniciar na pesquisa, na sua condução, sua orientação, seus conselhos, cobranças e principalmente por me despertar à pesquisa que amo.

Agradeço a Hannah e ao Gabriel, por me ajudarem a caminhar na pesquisa e no trabalho de conclusão. Vocês foram luz no meu caminho.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, juntamente com os professores e funcionários da ESEFID, cada dia foi uma oportunidade, cada (con)vivência foi fundamental para me tornar o que sou hoje.

Aos Traíras do futebol da UFRGS, me acolheram e sei que ganhei irmãos para a vida. Os melhores momentos foram e serão com vocês. São os melhores.

Aos meus colegas e amigos de Porto Alegre e do interior. Cada um tem seu papel e importância nessa caminhada, agradeço.

RESUMO

O presente estudo trata das competições de futebol nas categorias de 10 a 13 anos enquanto um meio de educação e formação de crianças e jovens. O objetivo central é identificar e questionar os modelos de competição no futebol para crianças e jovens dessas categorias. Além da consulta de regulamentos e regras das principais competições estaduais – onde se constatou que as competições possuem poucas adaptações que as diferenciem das competições adultas de rendimento – também foram feitas entrevistas semiestruturadas com quatro treinadores de futebol que trabalham com crianças de até 13 anos em um clube de Porto Alegre. As questões tiveram como base a Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004), as quais questionaram se essas competições estão adequadas às capacidades, necessidades e interesses das crianças; sua formação esportiva através da competição; e, número de participações competitivas. Os treinadores defendem a adoção da competição e esta como elemento estruturante na formação educacional. Acreditam que as competições das categorias de 10 e 11 anos devam sofrer mais adaptações para uma melhora no desenvolvimento técnico dos jogadores. Mesmo assim, a competição no atual modelo traz benefícios para a formação das crianças, como por exemplo, as crianças darem seu melhor, não buscar a vitória a qualquer custo e respeitar os adversários. Os treinadores comentaram que apesar do discurso sobre a supervalorização dos resultados, estar mudando, na prática isso não ocorre e pouco se olha para o processo de desenvolvimento das crianças. A questão do número de partições competitivas foi divergente. Apesar de o modelo estar se adequando, mais alterações são necessárias. Por fim, espera-se que o estudo mostre a realidade das competições atuais no futebol de base e traga novas abordagens e questionamentos para a melhora do processo de competição e desenvolvimento das crianças e jovens através do futebol.

Palavras-chave: COMPETIÇÃO; CRIANÇAS E JOVENS; FORMAÇÃO;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
2.1 ADEQUAÇÕES NA COMPETIÇÃO INFANTIL	11
2.1.2 As crianças e jovens	11
2.1.3 Futebol: o jogo e suas características	15
2.1.4 Possíveis adequações nas competições infantis	17
2.2 NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS	20
2.2.1 Participações competitivas: o número ideal.....	20
2.2.2 Tipos de competição.....	23
2.3 A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO	24
2.3.1 A função do agente pedagógico: o treinador	25
2.3.2 Competição como elemento central na educação e formação	26
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	29
3.2 OS PARTICIPANTES.....	29
3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	29
3.4 FONTES DOCUMENTAIS	30
3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	30
3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	31
3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	31
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DOS TREINADORES NAS COMPETIÇÕES INFANTIS	34
4.2 COMPETIÇÕES CONFORME AS NECESSIDADES E CAPACIDADES DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS.....	38
4.3 AS VITÓRIAS E DERROTAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO.....	45
4.4 FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS INFANTIS.....	50
4.5 A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E JOVENS.	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS	67

INTRODUÇÃO

O estudo em foco abordará o tema das competições de Futebol atuando como ferramenta para a formação educacional de crianças e jovens. As competições a serem estudadas são de âmbito estadual, todas regidas pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF) e pela Nova Liga Gaúcha de Futebol (NOLIGAFI). A FGF, que possui sede em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, é a responsável por gerir as competições amadoras a partir dos 15 anos até os 20 anos de idade. Já a NOLIGAFI, possui sede em Teutônia, interior do Rio Grande do Sul, ela é a responsável pela organização das competições das “categorias menores”, que começam aos 10 anos e vão até os 15 anos.

As competições de Futebol Infantil são basicamente divididas por categorias em idades, são elas: SUB - 10; SUB – 11; SUB – 12; SUB – 13; SUB – 14; INFANTIL (SUB – 15). JUVENIL (SUB – 17); JUNIORES (SUB -20) e Adulto (Livre). Porém, mesmo havendo estas divisões por faixas etárias e algumas adequações nos modelos competitivos, o molde adulto de rendimento está sendo implantado cada vez mais cedo nas competições infantis.

É de extrema importância que o esporte infantil seja pensado de acordo com as capacidades e expectativas deste público, desde o treino até a competição, pois nela está a oportunidade para que as crianças e jovens possam se avaliar em relação as suas próprias capacidades, superarem-se, obterem sucesso e de criar junto aos amigos uma boa imagem social (MARQUES, 2004). As competições de Futebol não ocorrem nesses moldes, mas sim, muito próximo ao que é realizado na categoria adulto, contrariando a proposta deste autor (2004). Existem pequenas adaptações nas regras do jogo, como o aumento do número de substituições, o tempo de jogo, o “escanteio” e o “tiro-de-meta” ter suas distâncias reduzidas, mas, em um contexto geral o jogo é muito próximo ao do adulto, onde as crianças jogam nas mesmas dimensões do campo adulto, o tamanho da “goleira/meta” é o mesmo do futebol profissional e o número de jogadores em campo não sofre alterações.

Segundo Conde et al (2010), para as atividades competitivas serem atuantes na formação e educação, de seus participantes, devem oferecer condições que auxiliem de forma positiva o desenvolvimento das crianças e jovens. Para isso as competições devem estar adequadas com as capacidades e necessidades de seus participantes, proporcionando dessa forma, experiências ricas onde as crianças sejam o centro do processo, contribuindo assim para sua formação como um todo. Para que estes objetivos sejam alcançados, as propostas atuais de esporte infantil devem contemplar: atividades mais globais e não somente a reprodução de gestos motores e o jogo propriamente dito, colaborando assim, com a educação integral dos praticantes; metodologias que envolvam os alunos nos aspectos motores e cognitivos; os valores educativos devem estar inseridos nos conteúdos abordados; e por fim, competições que se adaptem as necessidades das crianças que iniciam a prática esportiva.

Para Marques (2004), a relação treino/competição no esporte infantil, não deve ser constituída da direita para a esquerda, isto é, da competição para o treino, como é feito no esporte de rendimento, onde o modelo de treino é organizado a partir do modelo competitivo, mas ao contrário disso, da esquerda para a direita, do treino para a competição, tendo assim, a competição complementando os objetivos de formação que já são promovidos no treino. A partir desse pensamento, o que podemos observar é que o ensino do Futebol não segue essa relação, esquerda para a direita, onde a competição não é um complemento da formação, ela não proporciona as necessidades do jovem, mas sim, segue o modelo adulto tradicional, onde o resultado, muitas vezes, ainda é o mais importante.

Diante do contexto apresentado, emerge a questão central desta pesquisa: As competições de Futebol para iniciantes estão adequadas aos interesses e capacidades de seus participantes de modo a atuarem como um modelo de educação e formação?

Para responder essa questão faz-se necessário responder as seguintes questões norteadoras:

(a) Os conteúdos propostos nas competições de Futebol para iniciantes correspondem às capacidades e necessidades de seus participantes?

(b) O atual modelo competitivo supervaloriza os resultados ou apropria-se dos mesmos para melhor conduzir o processo de educação e formação?

(c) O número e a frequência de participações competitivas estão adequados à realidade das crianças e jovens?

Assim, através das questões do estudo buscamos identificar e questionar os modelos competitivos de futebol infantil no Rio Grande do Sul.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo será apresentada uma revisão de literatura sobre o tema competição para crianças e jovens. A abordagem se voltará às questões da competição como um modelo de educação e formação de crianças e jovens, tema central desta pesquisa, baseado na Teoria da Competição Esportiva para Crianças e Jovens de Marques (2004). Dentre os temas abordados estão as adequações que devem ser feitas nas competições para este público, o número e a frequência de participações competitivas e a competição como sendo elemento central da formação esportiva da criança.

2.1 ADEQUAÇÕES NA COMPETIÇÃO INFANTIL

Competir deveria ser uma prerrogativa da criança, e não dos adultos que fazem parte do processo competitivo (DE ROSE; KORSAKAS, 2006). Este capítulo objetiva caracterizar crianças e jovens dentro das perspectivas motoras, psicossociais e de capacidade de aprendizagem, as características das competições de futebol dos 10 aos 13 anos de idade e, por fim, possíveis alterações nas competições infantis para melhor conduzir o processo de formação e educação dos jovens.

2.1.1 As crianças e jovens

As atividades esportivas podem contribuir para um desenvolvimento integral da criança e do adolescente nos diferentes períodos etários. Tal fato indica a necessidade de se estudar como esta iniciação das crianças ao esporte, vem sendo feita, bem como se a forma utilizada é apropriada e coerente com suas condições, particularidades e necessidades, correspondendo ou não ao seu estágio de desenvolvimento (ARENA; BOHME, 2000). A criança está localizada em uma faixa etária de transição entre o que chamamos de primeira infância (3 a 8 anos de idade) e a segunda infância (8 a 12 anos de idade) (GALLAHUE; DONNELLY, 2008). Já o período conhecido como adolescência, costumava estar situado na faixa etária entre 13 a 18 anos,

mas por ser afetado tanto pela biologia como pela cultura, hoje em dia, o período é compreendido dos 10 anos até aproximadamente os 20 anos (GALLAHUE; OZMUN, 2001). Estas crianças e jovens, de 10 a 13 anos, possuem características próprias e importantes quanto a suas capacidades físicas, motoras, cognitivas e psicossociais. Sendo assim, estas características devem ser levadas em consideração sempre que for relacionado ao esporte, afinal estes fatores estarão influenciando o desenvolvimento das atividades. (MALINA, 1994).

É nesta fase, aproximadamente aos 9 – 10 anos de idade que se inicia a puberdade nas crianças, ela se estende normalmente até os 15 – 16 anos de idade. No período inicial da puberdade temos o desenvolvimento de algumas características, como estirão do crescimento, desenvolvimento dos testículos, pelos púbicos e axilares, alterações na voz, terminando com a produção de espermatozoides maduros. Após o término da puberdade, os jovens ainda apresentam o desenvolvimento de características secundárias a puberdade, terminando o processo por volta dos 18 -19 anos de idade. (GALLAHUE; OZMUN, 2001).

O desenvolvimento do desempenho motor na infância e adolescência está ligado ao processo de crescimento e maturação. Devido a esta relação de interdependência entre crescimento e maturação, fatores como crescimento físico e as idades cronológica e biológica devem ser considerados importantes no processo de formação esportiva, pois os mesmos exercem forte influência no desempenho dos jovens, situação que pode favorecer os mais adiantados no processo, e, pode desmotivar outros mais tardios, que no futuro podem se tornar excelentes atletas (BOHME, 2005).

Para uma criança realizar determinada atividade no esporte, a mesma precisa apresentar certo nível de aptidão, definida por Sobral apud Gonçalves (2014)¹ como a prontidão esportiva. Já Ferraz (2002), ao tratar da questão da participação de crianças e jovens em competições, sugere que sejam

¹ SOBRAL, F. Desporto infanto-juvenil prontidão e talento. Lisboa: Livros Horizonte. 1994. p. 19. In: GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos**. Programa de Pós Graduação de Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, UFRGS, 2014.

considerados dois fatores importantes: a prontidão da criança e o período ótimo de aprendizagem (DE ROSE; KORSAKAS, 2006).

O primeiro fator, a prontidão da criança, diz respeito aos resultados já desenvolvidos pela criança que indicam se ela está apta ou não, se já possui as condições necessárias para enfrentar novas situações mais complexas, como, por exemplo, competições mais organizadas (de um nível de exigência maior). O conceito de prontidão esportiva é multidimensional, pois engloba a prontidão nos domínios físico, motor, cognitivo, afetivo, moral e social (DE ROSE; KORSAKAS, 2006).

Já o segundo fator, o período ótimo de aprendizagem, baseia-se na identificação de momentos específicos durante o processo de desenvolvimento humano em que a criança está mais sensível para novas aprendizagens, sugerindo então sua condição para vivenciar novas situações, desenvolvendo novas habilidades e capacidades. Ressaltando, conforme foi dito anteriormente, sobre os diferentes domínios do desenvolvimento que formam a prontidão esportiva, cada um deles apresenta períodos sensíveis distintos de aprendizagem, significando que uma criança pode não estar apta em todos os domínios em um mesmo momento, mas há que se identificar quais as especificidades de cada um deles a fim de apresentar estímulos de aprendizagem conforme às potencialidades que a criança apresenta naquele momento (DE ROSE; KORSAKAS, 2006).

Da mesma forma, para Balbino (2001), períodos de desenvolvimento e maturação do indivíduo não acontecem de forma linear, preestabelecida ou ordenadamente, mas a partir de pequenos períodos sensíveis para a aprendizagem de determinadas capacidades, as quais acontecem de forma individualizada, também fazendo referência as diferenças existentes entre crianças ou adolescentes dos sexos feminino e masculino, considerando principalmente o período de sua puberdade.

As práticas de ensino no processo de ensino-aprendizagem-treinamento devem ser coerentes com aspectos como a idade das crianças e dos jovens, e respeitar as diferenças individuais entre os praticantes, com vistas à educação para a vida em sociedade e ao desenvolvimento de uma mentalidade crítica e consciente (FREIRE, 1994).

Diante do contexto apresentado nos parágrafos anteriores, referentes à complexidade de fatores que interferem no desenvolvimento das crianças e jovens, e a partir disso, a dificuldade de sistematizar o conteúdo a ser desenvolvido nos treinamentos e competições para os mesmos, levando em consideração as características de desenvolvimento e a maturação do indivíduo e suas individualidades, Balbino (2001) o faz a partir das capacidades sensíveis, que poderão estar suscetíveis ao treinamento em determinada fase, corroborando com De Rose e Korsakas (2006). A organização apresenta da seguinte forma:

- Capacidades sensoriais, cognitivas e psíquicas: entre 9 e 13 anos apresentam-se de maneira favorável ao treinamento;
- Capacidades de aprendizagem e coordenação: entre 7 e 12 anos apresenta maior capacidade de absorção de informações (aprendizado), e entre 9-10 e 13 anos está favorável ao aprendizado motor e da técnica;
- Capacidade de resistência: sensível ao treinamento somente durante ou após a puberdade;
- Capacidade de força: 11-13 a 15-17 anos está sensível ao desenvolvimento da capacidade de força explosiva e resistência de força, e dos 15-17 e 17-19 anos está sensível ao treinamento da capacidade de força máxima;
- Capacidade de velocidade: 7 a 12 anos está sensível para treinamento com velocidades de reação e cíclica, e entre 9 a 13 anos, para a força explosiva e aceleração para as meninas e entre 10-11 a 15 anos para os meninos;
- Capacidade de flexibilidade: encontra-se sensível para meninas entre 8 e 11-12 anos e para os meninos entre 8-9 a 12 anos;

O autor defende que para o desenvolvimento do indivíduo ser integral, é necessário a criação de um ambiente favorável pelo professor, o agente pedagógico. Apenas irá atingir esse objetivo, o professor que tiver o conhecimento dos componentes internos e externos da sua modalidade, que

seja capaz de estimular as inteligências múltiplas, as capacidades sensíveis e as relações socioculturais onde o aluno está inserido.

O ambiente torna-se favorável pelo estímulo e desenvolvimento deste potencial biopsicológico, por meio das intervenções do agente pedagógico, dos desafios propostos em dinâmicas, exercícios, jogos e competições (BALBINO, 2001, p.100).

Tendo em vista todas estas características que diferenciam a criança desta faixa etária de indivíduos adultos, Marques (2004), afirma que é clara a necessidade de não se importar os modelos competitivos especializados. A criança não deve ser considerada uma versão reduzida de um adulto, pois possui necessidades e interesses diferenciados e que devem ser contemplados na perspectiva esportiva. Sendo assim, no futebol como em qualquer esporte, também é de suma importância entender os fatores envolvidos no desenvolvimento das crianças e jovens, respeitando seus momentos de aprendizagem, para uma melhor condução do processo de formação esportiva.

2.1.2 Futebol: o jogo e suas características

Por muito tempo, os jogos esportivos coletivos (JECs) caracterizaram-se pela sua justificação quase sempre na intuição e no empirismo, o chamado “achismo”. A sua busca centrou-se no princípio da simplificação e/ou eliminação de sua natureza complexa (imprevisibilidade e aleatoriedade), principalmente por sua compartimentação mecânica e reducionista (BAYER, 1994).

Os denominados JECs fazem parte do grupo dos esportes designados de cooperação/oposição, os quais têm sempre em suas ações resultantes a interação entre jogadores colaborando entre si opondo-se à outra equipe, que atuam da mesma forma, cooperando em oposição à primeira equipe, cumprindo um regulamento comum a ambas, com o objetivo de realizar e gerir situações de sucesso próprio (BAYER, 1994; GRECO, 1995; 2000;)

Para Bayer (1994), os JECs podem ser agrupados em uma única categoria pelo fato de todos possuírem seis invariantes: uma bola (ou implemento similar), um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga,

adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas. Da mesma forma, para Garganta (1995), os "JECs" são compostos por elementos técnicos e táticos (individuais e coletivos) específicos, sendo que a combinação desses conteúdos resulta na complexidade do jogo, no qual os aprendizes são os principais protagonistas. Trata-se, ainda, de "um microssistema social complexo e dinâmico" em que as relações existentes dentro de um grupo não podem ser representadas pela soma dos valores e talentos individuais (MENEZES, 2012).

Os Jogos Coletivos de Invasão (JCI) são formas de JEC que se caracterizam pelo confronto entre atacantes e defensores, em um espaço comum com ações simultâneas entre os sujeitos oponentes. Nos JCI a bola (ou algum outro implemento) é tida como referência e objeto de posse (REVERDITO; SCAGLIA, 2009), e englobam modalidades como o basquetebol, o handebol, o futsal e o futebol.

Assim como em todos os esportes coletivos, no futebol as ações do jogo caracterizam-se pela necessidade de um comportamento tático, e sobre tudo pela importância da capacidade cognitiva como elemento de base para o desenvolvimento desse comportamento tático (FIGUEIRA, 2008).

Um jogo de futebol é caracterizado por vários acontecimentos que se repetem durante uma partida, como passes, chutes, cabeceios e diversas outras ações. Quando crianças jogam com as regras oficiais, estes acontecimentos não se repetem com a mesma frequência ou a mesma forma ou simplesmente não acontecem (OTTO, 2002).

No futebol a desproporção entre crianças e as dimensões oficiais do futebol é um fator que determina que o jogo adulto e o infantil tenham características distintas. Evidentemente, existem também diferenças psicomotoras que contribuem para este resultado. Desta forma, se o objetivo é permitir que o jogo infantil tenha características semelhantes ao jogo adulto, é necessário que se adaptem as regras do jogo às condições das crianças (OTTO, 2002).

Sobre as diferenças entre o jogo de futebol adulto e o infantil, citadas acima, Otto (2002), afirma que as mesmas causam distorções na dinâmica do jogo, e em alguns casos podem até mesmo inverter a lógica da regra, fazendo com que uma punição termine por beneficiar a equipe infratora. Um exemplo,

citado pelo mesmo autor é a cobrança do tiro de meta, em que a bola não se afasta da área de pênalti da defesa, facilitando a retomada da posse de bola e a manutenção da jogada de ataque da equipe adversária. Assim, uma situação que deveria colocar o time defensor em condições de reiniciar a partida em condições favoráveis, na verdade o prejudica, pois o deixa em uma posição em que é difícil conseguir progredir para o campo de ataque. A dificuldade de sair jogando faz com que o adversário posicione-se cercando a área de pênalti e contribuindo para uma grande concentração de jogadores em um mesmo setor do campo, mantendo-se assim por um tempo prolongado uma mesma equipe no ataque. Muitas vezes, essa situação só se encerra quando a equipe que está defendendo sofre um gol e a partida pode reiniciar no meio do campo de jogo (OTTO, 2002).

A situação anteriormente descrita é somente um dos exemplos onde Otto (2002), destaca sobre a inversão na lógica da regra do jogo infantil para o jogo adulto formal, tendo como exemplos também, as faltas próximas à área defensiva e cobranças de laterais defensivos, força do chute, jogadores próximos uns aos outros devido ao peso da bola aliado a falta de força para deslocá-la para outros espaços do campo, dificuldades que os goleiros enfrentam para defender os chutes em direção a sua baliza – de tamanho oficial, o ritmo do jogo é alterado (se utilizado o tempo de jogo oficial), entre outros exemplos.

Mas mesmo assim, com todas as diferenças do jogo infantil para o adulto e a sua necessidade de adaptações, no caso do futebol, mais especificamente no Brasil, não existe uma regra oficial padronizada para jogos de futebol infantil e regulada por uma associação oficial, ao contrário do tênis, handebol, vôlei e basquetebol (OTTO, 2002).

2.1.3 Possíveis adequações nas competições infantis

A competição é uma das características do esporte, por conseguinte, deverá ser ensinada (MACHADO et al, 2013). Não somente é um fator exclusivo das experiências esportivas, estando presente também em outros setores da vida, nos quais o ser humano compete em todos em que atua: família, escola, trabalho e sociedade (DE ROSE JR., 2004). Da mesma

maneira, Aires (2015), afirma que é possível perceber que a competição não é algo estranho e que deva ser evitado para as crianças uma vez que ela se faz presente no seu universo atuante.

A intervenção pedagógica deve oferecer a todas as crianças um grande número de situações de avaliação das suas capacidades, em confronto com os outros e consigo própria. Possibilitando-lhes também, situações no treino e na competição em que o divertimento e o prazer da atividade estejam frequentemente presentes, em oposição ao que acontece no desporto de alto nível, em que a necessidade de eficácia (resultado) determina o aumento de rotinas (treinos). E sendo estas rotinas sistemáticas não compatíveis com a personalidade da criança, diminuindo assim, sua motivação e interesse pela atividade e aumentando o abandono (MARQUES, 2004).

Dentre as possíveis causas do abandono está a especialização esportiva precoce (EEP), que consiste em uma forma de treinamento que não coaduna com as características da fase maturacional dos praticantes, podendo futuramente, levar ao abandono do esporte por parte do jovem (MARQUES, 2000). Essa prática pedagógica é observada em clubes, escolas de esporte e processos de educação formal, em que são recorrentes as ofertas de programas de treinamento esportivo infantil, que seguem os mesmos parâmetros utilizados com adultos e especializam em modalidades específicas (KNIJNIK; MASSA; FERRETTI, 2008). A EEP pode ocorrer de diversos modos, de acordo com o sentido adotado para a prática esportiva e os valores morais por ela transmitidos (MARQUES et al, 2007).

Mesmo sendo o processo de especialização esportiva precoce e seus malefícios conhecidos na literatura (NONOMURA; PIRES; CARRARA, 2009; CAVICHIOLLI et al., 2011; SANTANA, 2005; DARIO; BARQUILHA; MARQUES, 2010; MASSA; UEZU; BOHME, 2010), a competição esportiva infantojuvenil, ao contrário do treinamento, que já foi e é muito estudado e tem seus conteúdos estruturados de forma a respeitar as etapas do desenvolvimento do público infantil, faz o processo inverso à isso, sendo organizada em muitos esportes, da mesma forma que no alto rendimento, podendo levar a EEP (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; MARQUES, 2004).

Diante do contexto apresentado acima, surge à necessidade em adequar os modelos das competições infantis as necessidades dos mesmos. A

importância de que os conteúdos da competição sejam uma continuidade dos conteúdos do treino, de maneira que os mesmos estejam no centro do processo e contemplem os objetivos formativos. O que devemos esperar da formação das crianças e jovens através do esporte, não é que estes sejam interpretem as práticas evoluídas, mas sim, prepará-los para o virem a fazer no seu devido tempo (MARQUES, 1997; 2004). Para Machado (2013), não devemos sinalizar a competição por si só como um problema, mas as finalidades e significados atribuídos a ela na iniciação esportiva.

Nos primeiros anos de treinamento as competições devem promover e respeitar os pressupostos de coordenação, técnico-táticos e orgânicos de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontram os sujeitos (ROST, 1997). Nessa faixa etária, a partir dos 9 anos, a criança tem dificuldades em entender estratégias e ações táticas complexas, ou “jogadas”, resulta-lhes difícil perceber e antecipar situações de jogo com precisão bem como se manter concentrados para captar as muitas informações que se encontram no seu ambiente -na situação de jogo ao mesmo tempo (FILGUEIRA et al, 2008). Em sequência disso, Martin (2004) completa mencionando que através das competições do período inicial do treinamento devem ser desenvolvidas e estimuladas as capacidades mais responsivas a cada fase do desenvolvimento do praticante.

Rost (1997), afirma que quando o modelo adulto de rendimento é implantado nas competições infantis geralmente as crianças nas quais o desenvolvimento, físico principalmente, se encontra mais avançado ou que tenham sido treinadas através de metodologias com objetivos de obter resultados imediatos, saem campeãs. As exigências da competição sem adequações fazem com que pouco se olhe à formação integral das crianças. As bases multilaterais, a coordenação motora e as capacidades físicas serão atributos importantes no futuro, que devem ser estruturados e desenvolvidos nessas etapas. O autor ainda traz o exemplo da Alemanha aonde, por esse motivo, desde a década de 1980, competições adaptadas às necessidades dos seus jovens tem sido mais valorizadas para a formação das crianças e jovens, visando o desenvolvimento individual e uma construção ao futuro, para que os jovens venham a retornar melhores resultados esportivos ao país (ROST, 1997; GONÇALVES, 2014).

Por esta razão, Marques (2004), afirma que a criança deve ser o sujeito da competição, isto é, que a intervenção pedagógica pense a competição da criança à imagem da sua prontidão e não esqueça os seus interesses e necessidades. Para que isso aconteça, é de suma importância criar situações e adequações no esporte, para que as capacidades das crianças sejam comportadas nas atividades, de acordo com a faixa etária e nível de desenvolvimento integral da criança. Jogos reduzidos e atividades condicionadas onde situações do jogo são simuladas, materiais adaptados, adequação no tempo e formato de pontuação do jogo e, por que não, mudanças extremas nas regras oficiais são possíveis. Junto a isso, Marques (2004), afirma que é preciso oferecer à criança experiências motoras diversificadas e significantes, fazendo o necessário para aproximar os modelos de competição às necessidades das crianças e jovens, podendo até mesmo descaracterizar os modelos.

Por fim, Marques (2004), menciona que é fundamental quando se trata da realização de competições infantis e juvenis a não reprodução de modelos competitivos de alto nível, sendo assim, ela própria um fator central da formação infantil, onde as crianças e jovens tenham a possibilidade de satisfazerem suas necessidades e afirmarem suas competências e capacidades. E principalmente, não priorizando os resultados imediatos, visto que estes parecem não predizerem os resultados futuros, bem pelo contrário.

2.2 NÚMERO E FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS

É justamente no início da aprendizagem esportiva que o número de participações competitivas deve ser maior, afirma Marques (2004). Este capítulo objetiva abordar a importância do número e frequência de participação competitiva nas primeiras fases da iniciação esportiva das crianças e jovens.

2.2.1 Participações competitivas: o número ideal

Para Marques (2004), é nas fases iniciais da aprendizagem esportiva que o número de participações competitivas deve se fazer em maior número, ao contrário do que sempre pensamos, que devido à falta de preparação das crianças, as mesmas deveriam participar de um número reduzido de

competições. Mas as participações competitivas em que o autor fala, não são apenas os modelos formais, baseados nos modelos de alto rendimento. São todas as formas de competição, formais ou não, o jogo propriamente dito e suas múltiplas formas.

Da mesma forma Malina e Bouchard (2002), também defendem a atividade física nas idades iniciais como benéficas para o desenvolvimento dos mais jovens, se estas, as atividades, forem adequadas às necessidades e potencialidades das crianças e jovens que são diferentes das dos adultos. Assim sendo a competição adequada para o público infantil, não há restrições para estas acontecerem nas idades iniciais (MARQUES, 2004).

Frequência das competições para as crianças e jovens também deve ser observada quando se trata da adequação da prática competitiva aos mesmos. A participação em um número reduzido de competições por parte das crianças e jovens sempre foi atribuída a sua má condição preparatória; no entanto, sabe-se hoje que as participações competitivas devem estar mais presentes nas fases de iniciais do treinamento, o que revela perspectivas paradoxais (MARQUES, 2004). Esse autor propõe também o aumento da participação em competições, não precisando estar de acordo com o modelo formal, mas também em pequenas competições realizadas entre os próprios companheiros de treino durante os treinamentos, de forma menos estruturada e mais simplificada. Essas competições devem cumprir com o objetivo de auxiliar na formação, possibilitando a oportunidade de comparar suas habilidades e assegurar a motivação dos praticantes, uma vez que o esporte em si não possui nenhum sentido se não há a competição sendo realizada concomitantemente. Ainda de acordo com Marques (2004) para as competições realizadas nos moldes antes citados não há nenhum problema em que sua frequência seja elevada, pois é justamente este o fator que irá evitar a supervalorização do evento competitivo, assim como a derrota, pois haverá outra possibilidade próxima de melhorar seu desempenho competitivo. Criando assim, a possibilidade de se ter sucesso mais frequentemente.

O autor citado acima, além de sugerir a participação em competições onde é possibilitado as crianças que se desenvolvam de forma plena, ressalva participação infantil em competições oficiais que ainda adotem o modelo adulto, que possuem grandes exigências técnicas, físicas e psíquicas. Recomendando

que o número e frequência dessas participações, não sejam elevados. Lembrando também, que a competição nesses moldes leva muitos treinadores na busca por resultados imediatos a utilizarem crianças momentaneamente mais desenvolvidas, deixando de lado crianças menos dotadas para essa prática, podendo levar ao abandono das mesmas. Diante disso, remete a necessidade de novas formas organizativas e novos modelos de práticas competitivas.

Marques (2004) questiona também, o tempo que é levado entre as competições formais: *“Pode uma criança treinar por tanto tempo e competir tão pouco?”*. Respondendo a pergunta, o autor afirma que é jogando o jogo e a competição que a criança tem a maior possibilidade de aprender. Teremos então, a importância que a criança dará para o treino e a competição. Sendo para ela, a criança, necessário vivenciar as práticas competitivas – adequadas às suas necessidades – de sua modalidade para seguir motivada no esporte.

Ao observarmos o jogo das crianças e suas manifestações mais espontâneas, notamos que é ali que a criança aprende. Aprende a competir, a buscar ser melhor, a pretender ser o primeiro. E não importa aonde seja esse jogo, pode ser na escola, na rua ou nos clubes. Sendo assim, não pode essa lógica ser subvertida. Os agentes pedagógicos devem usá-la em seu favor, oferecendo as crianças um grande número de situações de avaliação das suas capacidades, confrontando-as com os outros e consigo mesmas. Possibilitando também nos treinamentos e na competição, situações em que o divertimento e o prazer da atividade estejam presentes, ao contrário do que podemos ver nos moldes adultos de rendimento, onde a necessidade da eficácia é o fator determinante no aumento de treinos (MARQUES, 2004).

Este aumento na rotina de treinos, fator comum nas atividades de alto rendimento, não é interessante para as crianças e jovens. Pois a monotonia de treinos, não é compatível com a personalidade das crianças, diminuindo assim o interesse pelas atividades e aumentando o abandono. Sendo a rotina de treinos, segundo especialistas da psicologia esportiva, a principal causa do abandono do esporte (MARQUES, 2004).

2.2.2 Tipos de competição

Por estes motivos citados anteriormente no texto, que Marques (2004) defende a urgência em alterar o quadro competitivo infanto-juvenil, oferecendo assim, atividades mais conforme as crianças e suas necessidades e interesses. Ou seja, torna-se necessário transformar a natureza das competições em todos os seus aspectos. Na estruturação, nos regulamentos e nos conteúdos, adequando estas práticas às condições que promovam uma maior participação das crianças e jovens, alcançando assim os objetivos da formação integral desses sujeitos.

Até o início da idade escolar, por volta dos 6 anos de idade, não se justifica a participação competitiva organizada, sendo substituídos por atividades que sejam auto-organizadas pelas crianças e espontâneas. Com início da fase escolar e a introdução das crianças a iniciação esportiva, os primeiros quadros competitivos organizados podem acontecer, os quais até cerca dos 12 anos, devem ser simples, com pluralidade esportiva e serem competições internas e locais (MARQUES, 2004). Alguns autores (LEE; SMITH, 1993 apud MARQUES, 2004;² LIMA, 1981 pud MARQUES, 2004³), trazem princípios aos quais as competições infantis devem estar norteadas:

- O esporte e a competição devem ser adaptados, levando em conta as características das crianças e seu desenvolvimento;
- Competições em âmbito local e regional;
- Não devem impedir as crianças de participarem em outras atividades fora do esporte;
- Competições em equipes devem ser encorajadas e as individuais devem ter seus critérios bem estabelecidos;

² LEE, M.; SMITH, R. Making sport fit the children. In: LEE, M. (Ed.). Coaching Children in Sport. London: E & FN Spon, 1993. MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p.75-96

³ LIMA, T. Alta competição: deporto de dimensões humanas? Lisboa: Livros Horizonte, 1981. MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p.75-96

- O esporte deve ser entendido como central para o desenvolvimento da cooperação e do trabalho em equipe;
- O foco deve ser o divertimento, a participação, a possibilidade de sucesso e o desenvolvimento da autoestima;
- A avaliação deve ser centrada na aquisição e no desenvolvimento dos fundamentos do esporte;
- Os objetivos das competições precisam ser diferentes das dos adultos, não tendo o resultado como determinante;

As competições infanto-juvenis de futebol de 10 a 13 anos de idade estudadas neste trabalho, são disputadas no modo temporada. Estas são definidas como competições que duram um longo período – determinado pela quantidade de equipes inscritas – e possuem várias rodadas. O método em que as competições estudadas são realizadas é o método Misto, no caso das competições geridas pela NOLIGAFI, na primeira fase as equipes são divididas entre dois grupos, onde os melhores classificados de cada grupo avançam para a fase final, essa, disputada no método Eliminação Direta até conhecer a equipe campeã (THIESS, LÜHNENSCHLOSS E WILLE, 2004).

Por fim, as competições necessariamente devem preconizar propostas de atividades mais diversificadas, sobretudo nas fases iniciais da formação esportiva, quando os processos de especialização ainda não se aprofundaram. Ou seja, nas fases onde a multilateralidade das cargas no treino e na competição devem ser afirmadas para uma formação integral do indivíduo.

2.3 A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Poderia a competição atuar de forma positiva na formação das crianças e jovens? É buscando responder este questionamento que o capítulo abordará primeiramente a função do treinador no processo de treino e competição, e também, a utilização da competição como elemento central para a educação e formação do público infantil.

2.3.1 A função do agente pedagógico: o treinador

“Por isso o objetivo primeiro e obrigatório da nossa vigilância crítica, do nosso papel e função de educadores deverá situar-se na preocupação de servir a congregação de condições que ajudem as crianças e jovens a ser felizes no desporto e na vida.” (Bento, 2004, p.39).

O processo de formação e educação do atleta é de inteira responsabilidade do professor, apesar deste processo ser influenciado também, pelas diferentes pessoas que integram os meios que o indivíduo se insere (MESQUITA, 2000). Ainda de acordo com Mesquita (2000), o treinador é o principal responsável pela iniciação, orientação e especialização dos praticantes e a qualidade de sua intervenção contribui decisivamente para a existência de uma atitude formativo-educativa positiva no contexto do esporte.

Para melhor definir a importância da função do treinador no processo competitivo, Mesquita (2000) apresenta os seguintes princípios como norteadores aos agentes pedagógicos:

- Devem ser produtores de ações de valores corretos (senso de justiça, imparcialidade, compreensão, tolerância, paciência);
- Devem fazer com que os objetivos de formação (desenvolvimento integral do indivíduo consciente) do treino e da competição durante a carreira esportiva, venham primeiro aos objetivos de rendimento;
- A competição, por exercer um papel fundamental no processo de formação, deve ser desmistificada, pois por meio dela os indivíduos são preparados para saber encarar desafios e dificuldades em todos os campos da vida;
- A participação em competições deve ser dirigida como um meio que contribui para afirmação pessoal, autoafirmação e autossuperação, não para a obtenção de resultados imediatos;
- A vontade de vencer não deve ser evitada, mas sim incentivada, no entanto não pode ser o maior objetivo e feita de qualquer maneira. As vitórias não significam que há a ausência de erros em sua performance e devem significar para o praticante a confirmação de que ele deve continuar esforçando-se nos treinamentos para se tornar cada vez

melhor, enquanto a derrota serve para demonstrar que há erros que necessitam ser corrigidos e aperfeiçoar o que ainda não está adequado;

- O momento em que as crianças e jovens iniciam nas competições deve ser motivo de cuidado para o treinador, assim como também o ambiente em torno das mesmas. Os praticantes só devem participar de competições a partir do momento em que estão aptos para responder aos problemas que surgem das mesmas. Por isso, o treinador deve eleger as competições mais adequadas às características de seus atletas naquele momento.

É indiscutível o poder socializador e agregador de valores éticos e morais da prática esportiva, dá-se ao fato de que o esporte possui valores intrínsecos de autodescobrimento, desenvolvimento pessoal e educação social como o companheirismo, o espírito de luta e o respeito pelos demais e as normas (TREPAT DE FRANCISCO, 1999). Mas cabe ao treinador, se utilizar destes valores, adequadamente através da sua intervenção, como meio de educação junto às crianças e jovens (MARQUES, 2004).

Por fim, para Marques (2004) saber competir, estar preparado para fazê-lo, é condição essencial de preparação para a vida que não deve ser deixada de lado pelos treinadores na formação dos mais jovens. Marques (2004) ainda refere que o esporte e a competição são apenas instrumentos, são meios para a educação e formação das crianças e jovens, os princípios, regras e os valores associados à competição e a forma como esta é utilizada nas experiências vividas é função do treinador dar o devido valor a elas, tornando-as meio de educação para as crianças e jovens.

2.3.2 Competição como elemento central na educação e formação

“A competição seria o ônus do esporte. Em virtude de situações como a derrota e a incapacidade de realizar com competência alguma tarefa, o atleta pode vivenciar sentimentos de frustração e estresse psicológico. As exigências do esporte de alto nível não se aplicam à realidade da criança, portanto seria um erro expor os mesmo à tal experiência” (GONÇALVES, 2014, pg.29).

É indiscutível o fato de o esporte ser um excelente facilitador na educação e formação de jovens (BALBINO, 2002; PAES e BALBINO, 2005;). Sendo assim, seria então a competição também atuante na educação e formação infantil? Para Marques (2004), apesar de haver uma corrente pedagógica indicando o contrário – que o esporte infantil só será útil à formação das crianças e jovens, se for abdicada a competição – sim, a competição pode ser fator central na formação infantil, desde que adequada.

Nesta linha, há quem enxergue a competição a partir de princípios como “o importante é participar”, atribuindo assim, mesmo valor para a derrota e a vitória. Subestimando o sentido que a própria criança atribui ao esporte! Mas o que devemos questionar não é a competição em si, mas a forma em que ela é feita e conduzida, a sua supervalorização de resultados, o favorecimento aos mais desenvolvidos e a promoção de uma forma adequada (MARQUES, 2004).

De encontro a esta linha pedagógica que é contrária a competição no esporte infanto-juvenil, alguns autores afirmam que a competição é um dos elementos que deve fazer parte da iniciação esportiva, contudo deve ser organizada pelo professor, pedagógica e didaticamente conforme o desenvolvimento do seu público. Tendo como o mais importante à interação positiva com companheiros de equipe e adversários, e não o resultado final, assim desenvolvendo valores positivos tornando-se uma ferramenta educacional (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2013).

A ideia anterior de que ganhar e perder é a mesma coisa, que o importante é participar ou até mesmo uma valorização excessiva dos resultados na competição, terá como consequência o aumento impróprio do volume e intensidade das cargas e uma rápida especialização de métodos de treinamento, para assim buscar o resultado imediato. O que é prejudicial à formação. Mas a competição não é prejudicial à educação e formação da criança, pelo contrário, desde que utilizada adequadamente (MARQUES, 2004).

A competição pode ser elemento central da formação da criança, tanto nas vitórias como nas derrotas. A derrota é tão ou mais importante que a vitória na formação dos mais jovens. Ela, a derrota também tem um sentido moral e pedagógico no esporte, cabe ao treinador aproveitar a derrota para melhor preparar os jovens. Momentos de derrota na vida ocorrerão, cabe a nós

revertermos isso ou ao menos aspirar a isso. Grandes desportistas desistiram de suas carreiras porque foram preparados somente para vencer, não sendo preparados para encarar e superar a derrota, tendo assim uma nova oportunidade de vitória (MARQUES, 2004).

A competição e seus resultados devem ter regras e princípios, e estes devem estar adequados aos objetivos dos modelos de formação. Os treinadores devem sim, procurarem fazer com que o maior número de crianças vença. O que não podemos pensar é o desporto sem a competição, não faz sentido algum. Pois assim, as crianças terão dificuldades em habituar-se num modelo onde não existem vencedores nem vencidos, e elas já estão identificadas com esta situação quando olham para seus ídolos (MARQUES, 2004). O autor ainda afirma que sem vitórias e sem derrotas não se aproveitam as potencialidades educativas do esporte. Os resultados e suas interpretações dão sentido ao esporte e por consequência prepara o jovem para o mais importante, a vida.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente projeto de pesquisa utiliza-se do método qualitativo para obtenção e análise das informações. Esse método foi escolhido por abordar contextos mais abrangentes que permitem analisar as experiências dos indivíduos sejam elas biográficas ou práticas (profissionais e do cotidiano) (FLICK, 2009).

3.2 OS PARTICIPANTES

Foram escolhidos pelo pesquisador quatro treinadores homens das categorias de base de um clube de futebol de Porto Alegre, que participam de competições a âmbito regional, estadual e nacional, e possuem resultados satisfatórios em todas estas competições. Formados e com diferentes trajetórias em suas carreiras, destacando-se:

- Treinador ex-jogador profissional de futsal e treinador de categorias maiores (sub-17 e sub-20) em outros clubes, professor de futsal há 17 anos e técnico de equipe profissional de futsal;
- Treinador há 1 ano formado e com formação acadêmica em Portugal;
- Treinador, ex-atleta de futsal, com experiência em todas as categorias menores do clube (sub-10 a sub-13);
- Treinador a 8 anos formado, ex-atleta das categorias de base do mesmo clube, trabalhou nas diferentes áreas das categorias de base (fisiologia, preparação física, análise de desempenho) até chegar no atual cargo de treinador.

3.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA

Para melhor cumprir os objetivos do estudo, o instrumento proposto foi um roteiro de entrevista com uma série de questões previamente estabelecidas. As questões formuladas são embasadas nas categorias propostas por Marques (2004): (1) Competições adequadas às necessidades e

capacidades das crianças e dos jovens, (2) Relação entre vitórias e derrotas e (3) A frequência da proposta de atividades competitivas para essa população. Contudo, no decorrer da realização das entrevistas, outras categorias oriundas dos depoimentos dos entrevistados poderão ser estabelecidas para melhor interpretar os resultados obtidos (FLICK, 2009).

3.4 FONTES DOCUMENTAIS

As fontes documentais foram utilizadas enquanto instrumento de investigação, cujo objetivo foi a obtenção de dados que, de alguma forma, foram salvos e podem ser utilizados para auxiliar no cumprimento dos objetivos da pesquisa. A proposta inicial era de analisar todos os documentos oficiais relacionados às competições (notas, boletins, circulares, resoluções, regulamentos, diretrizes, declarações), assim como arquivos privados que, por ventura, forem autorizados à divulgação para fins acadêmicos. Entretanto, apenas foram encontrados os regulamentos de competição e o calendário competitivo.

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior – “projeto guarda-chuva” – denominado: Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório, já aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob número de protocolo 271.526 na data de 7 de Fevereiro de 2013. Este estudo procurou seguir os mesmos princípios éticos do “projeto guarda-chuva” do qual faz parte. Dessa forma, para conhecer os potenciais participantes da pesquisa foram acessados os resultados do último ano do Campeonato Gaúcho das categorias avaliadas. Assim a identificaram-se as equipes finalistas do último campeonato realizado e escolheu-se somente um clube que possuía finalistas nas quatro categorias. Realizou-se o primeiro contato via correio eletrônico com o clube e com um dos treinadores. Tendo realizado o primeiro contato, foram esclarecidos os objetivos do estudo e, também, questionado ao clube se este aceitaria ter seus treinadores como sujeitos da pesquisa. Tendo a afirmativa do clube, foi feito o agendamento da entrevista, diretamente com os treinadores,

para sua posterior realização. Nessa ocasião foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que o treinador registre o seu consentimento em participar do estudo.

No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o tema, o objetivo geral da pesquisa e como o treinador participaria do estudo estavam explicados. Foi explicado aos treinadores que os mesmos poderiam optar por não participar (se assim o desejarem), ou (no caso de participarem) não querer que seus dados sejam utilizados no estudo. Por fim, foi acordado com os participantes o respeito aos critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem em expor. As entrevistas transcritas e os Termos de Consentimentos assinados pelos entrevistados serão armazenados no arquivo do “Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte”, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo período de cinco anos, de acordo com o procedimento adotado pelos grupos de pesquisa desta Universidade.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados mediante a aplicação das entrevistas, salientando que a aplicação da entrevista foi realizada de forma individual, sempre pelo mesmo entrevistador/pesquisador, e foi gravada para que não se percam dados importantes. Após a gravação da entrevista (feita através de gravador digital de áudio), a mesma passou por uma transcrição e análise de depoimento oral. Tendo sido concluídas as transcrições, as mesmas foram encaminhadas, via correio eletrônico, para os entrevistados. Assim, os mesmos puderam avaliar o conteúdo transcrito, aprovando-o, refutando-o, ou aprovando-o com correções. Conforme foi acordado com os participantes, foram respeitados os critérios de confidencialidade e privacidade, mantendo suas identidades em sigilo e utilizando apenas as informações que os treinadores concordarem em expor.

3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O material obtido através da realização das entrevistas e fontes

documentais passou pela técnica de análise de conteúdo, que consiste em explorar o conjunto de opiniões e representações sobre o tema que está sendo investigado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). De acordo com Bardin (2011) e Bacellar (2008), esse método é feito através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Esses procedimentos objetivam alcançar indicadores que possibilitam inferências para auxiliar a compreender o contexto de elaboração, o significado de suas expressões e as intenções de seu(s) autor(es). Inicialmente, as informações coletadas foram organizadas e categorizadas de acordo com os objetivos do estudo e com a fundamentação teórica. Para auxiliar a interpretação dos dados de forma mais objetiva, conforme o sugerido por Bardin (2011), foram estabelecidas novas categorias nativas ao estudo. As categorias utilizadas neste estudo foram categorias semânticas, por centrarem-se nos temas dos textos analisados, ou seja, “no que é dito no texto” (BAUER, 2013; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010). A priori foram estabelecidas três categorias: Competições adequadas às necessidades e capacidades das crianças e dos jovens; Relação entre vitórias e derrotas; e, A frequência da proposta de atividades competitivas para essa população. Essas categorias são baseadas na teoria proposta por Marques (2004) e são as que orientam também as questões norteadoras e o roteiro de entrevista deste estudo. Após essa etapa, os materiais foram analisados buscando produzir as devidas interpretações de modo a estabelecer um diálogo com os objetivos da investigação (FLICK, 2009; MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2010).

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações obtidas das quatro entrevistas realizadas foram classificadas de acordo com o conceito de categoria semântica, que institui diferentes categorias de acordo com os diferentes assuntos. Primeiramente, para responder as questões norteadoras da pesquisa foram estabelecidas três categorias semânticas que tem como base a teoria proposta por Marques (2004). São elas: Competições conforme as necessidades e capacidades das crianças e dos jovens, As vitórias e derrotas no processo pedagógico e Frequência de participações competitivas para crianças e jovens.

Através da utilização desse método de análise de conteúdo, aceitou-se também que, durante e através da análise das entrevistas, outras categorias advindas do próprio estudo fossem incluídas como categorias de análise nativas. Essas categorias são construídas através da identificação de temas diferentes dos que estão presentes nas categorias teóricas propostas inicialmente. Neste estudo surgiram duas novas categorias advindas das respostas às entrevistas: Concepções pedagógicas e a importância da atuação dos treinadores nas competições infantis; A competição como elemento estruturante na formação educacional de crianças e jovens.

Os resultados dos dados obtidos na análise de conteúdo das entrevistas e das fontes documentais serão apresentados e discutidos na seguinte ordem:

4.1 Concepções pedagógicas e a importância da atuação dos treinadores nas competições infantis.

4.2 Competições conforme as necessidades e capacidades das crianças e dos jovens.

4.3 As vitórias e derrotas no processo pedagógico.

4.4 Frequência de participações competitivas para crianças e jovens.

4.5 A competição como elemento estruturante na formação educacional de crianças e jovens.

4.1 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DOS TREINADORES NAS COMPETIÇÕES INFANTIS

A competição faz parte da humanidade. Desde os primórdios, onde se lutava pela sobrevivência, principalmente por alimentos e abrigo, como os animais também lutavam para sobreviver, o homem também o fazia e até hoje o faz, de diferentes maneiras. Para De Rose (2002), a competição não é um fator exclusivo das experiências esportivas, pois reflete valores e objetivos sociais. Desde o nascimento até a morte o ser humano compete pela sobrevivência em todos os setores em que atua: família, escola e trabalho, mas é no esporte que ela tem mais evidência, devido à divulgação e a importância do esporte no atual contexto social.

É sabido que na competição esportiva infantil, muitas vezes as crianças e jovens não estão preparadas para competir, pelo fato de estarem iniciando sua caminhada esportiva e não terem noção da abrangência de fatores que uma competição envolve, ou até mesmo, as competições não estão preparadas para os jovens, sejam elas individuais ou por equipes. Cabe então, aos treinadores principalmente, a função de conduzirem este processo competitivo, desde sua preparação, durante as competições e até os momentos pós-competitivos.

A forma como o treinador encara a competição, seja ela feita informalmente nos treinamentos ou nas competições oficiais, é extremamente importante para a formação dos seus atletas. Se o treinador exacerba determinados valores competitivos, como por exemplo, buscar a vitória a qualquer custo, provavelmente, seus alunos também o farão. A forma como as crianças e jovens se portam durante a competição é o reflexo da atuação de seus treinadores nas competições e nos treinamentos.

A primeira questão do roteiro de entrevista se referia às principais concepções pedagógicas existentes quanto às competições esportivas infantis. Inicialmente, foram apresentadas duas concepções pedagógicas. A primeira, que rejeita as competições como um modelo de educação e formação para crianças e jovens, pois acredita que a competição apresenta características negativas, como promover valores exacerbados de concorrência e individualismo, ao invés de promover valores como solidariedade e trabalho em

equipe. Já a segunda concepção, aceita a competição como um modelo de educação e formação para crianças e jovens, baseada em alguns motivos, como por exemplo, a possibilidade da criança se autoavaliar quanto as suas capacidades, comparar-se com os outros, sejam eles colegas ou adversários; de mostrar tudo aquilo que se é capaz, de obter sucesso, superar-se; de se desenvolver junto com os amigos, e; de se criar, descobrir e desenvolver valores para a vida.

Todos os treinadores entrevistados, mesmo que superficialmente tratando do tema, aceitam a adoção da competição no processo de formação e educação das crianças e jovens, desde que essa seja bem conduzida – o que será tratado no final deste primeiro item – e, também, justificando pelos seguintes motivos: a) desenvolvimento pessoal; b) integração com outras equipes; c) vencer seus limites; d) solução de desafios; Alguns trechos das entrevistas que representam estes motivos:

- Entrevistado 1: “Mas se tu botar [importância na competição], em relação a ela como pessoa se desenvolver, a ela criar condições de jogar melhor, ela vencer os seus limites, ela saber trabalhar em equipe, a ela desenvolver seus valores pessoais[...]”.
- Entrevistado 2: E também por uma integração [...] quando a gente vai competir com outros clubes, vai competir com outras escolas de futebol, vai competir com outras maneiras de se pensar futebol, de se pensar educação.
- Entrevistado 3: No futuro, eles (crianças) já vão ter vivenciado essas situações na competição, mesmo não se tornando jogadores. E o futebol agrega várias situações, o convívio social, saber lidar com derrotas e vitórias, e, isso vai acontecer durante a vida, né.
- Entrevistado 4: [...] a competição traz diversas situações que irão ajudá-los na sua formação para a vida. Desde se deparar com situações desafiadoras e encará-las para encontrar soluções, até mesmo de se ajudar entre colegas, que acabam tornando-se amigos.

Um estudo de Milistetd et al (2008), analisou a concepção dos treinadores acerca do papel da competição na formação de jovens. A conclusão deste

estudo corrobora com os resultados aqui apresentados, onde os treinadores aceitam e consideram a competição fundamental na formação esportiva, porém algumas condições devem ser consideradas para a sua realização ser positiva. Sendo a competição orientada por valores pedagógicos fundamentados e voltados a inclusão.

Para Soler (2005), utilizando dos Jogos Cooperativos, neste caso, o futebol, haverá a diminuição dos problemas e dos conflitos, pois as crianças expostas aos desafios terão que desenvolver a cooperação e o espírito de equipe, estando assim preparadas para tanto para o jogo, como para a vida. O que pode ser observado claramente na fala dos Entrevistados 1, 3 e 4.

É de extrema importância identificar as concepções pedagógicas dos treinadores acerca da competição infantil, mesmo que de maneira geral, para o seguimento deste estudo. Como todos os entrevistados são adeptos a adoção da competição nas idades estudadas, a discussão irá ao encontro da proposta de Marques (2004). Pois se houvesse rejeição a competição infantil, as contribuições dos entrevistados teriam um sentido completamente diferente, colocando em risco a proposta do autor.

No estudo apresentado por Machado (2013), onde os professores de um projeto social de Taubaté (SP) criaram uma proposta de competição para esportes coletivos, baseada nos três Referencias da Pedagogia do Esporte (PAES; BALBINO, 2009; MACHADO *et al*, 2012). Onde este modelo competitivo com adequações na sua proposta, estimulou não somente o resultado final, mas também, valores e modos de comportamento essenciais para o esporte e para a cidadania dos participantes. Assim, tendo a competição como um meio valioso na construção de normas e valores para as crianças.

Os resultados apresentados por Machado (2013), sobre a formação pessoal das crianças, através de valores e normas, foi relatado pelos entrevistados 1; 2 e 3:

- Entrevistado 1: *“Acredito que tu tirar a competição da pessoa, da criança, do jogador, tu pode tá perdendo muito do desenvolvimento e com a competição tu pode tá ganhando muito no desenvolvimento [...] acho que a criança vá se desenvolver muito mais do que se tu negligenciar a competição da vida dela.”*

- Entrevistado 2: *“Eu aceito a competição. Desde que seja um negócio em prol da formação do cidadão, em primeiro lugar, e não do atleta, né!?”*
- Entrevistado 3: *“As situações que eles vão se deparar dentro da competição, vai ajudá-los no futuro, independente deles se tornarem jogadores ou não.”*

De acordo com estas respostas, podemos observar que há uma preocupação por parte dos treinadores com o desenvolvimento pessoal das crianças, levando em consideração não somente o lado “atleta”, mas sim a formação pessoal de cada um como um todo, corroborando com o estudo de Machado (2013).

Além dos motivos citados anteriormente pelos quais os treinadores aceitam a competição, voltamos para a maneira como os treinadores conduzem o processo das competições. Há que se destacar a preocupação dos entrevistados em reiterar a importância de suas atuações junto às competições. De nada adianta as competições estimularem os valores pessoais, a integração dos participantes e a solução de problemas, se os treinadores não souberem conduzir este processo. Os treinadores 1 e 3 se utilizam da palavra “conduzir” diversas vezes em suas respostas, para mostrar a importância que tem o papel do treinador nas competições:

- Entrevistado 1: *“Acho que ela [a competição] tem que saber ser conduzida, saber levar os jogadores, as pessoas que estão dentro do processo, que são jovens. O processo tem que saber ser conduzido, mas acredito que esse é o melhor (ter competições)[...]”*
- Entrevistado 3: *“Dependendo do modo como o professor, que está orientado seus alunos, conduzir a competição, ela (competição) será proveitosa para o futuro dos alunos.”*

O Entrevistado 1, no final do questionário, volta a destacar a importância da atuação do professor para que o processo competitivo atinja seus objetivos. Mesmo que hajam adequações nas competições, de nada servem se os treinadores não souberem conduzir o mesmo. Destacando também a importância de todos os envolvidos no processo.

- Entrevistado 1: “[..]acredito que o desenvolvimento moral, tanto no campo adaptado, quanto no grande, vai ser desenvolvido da mesma forma. Interessa como as pessoas vão encarar isso. Não adianta eu diminuir o campo e o pai continuar gritando “pro” menino correr, o treinador continuar xingando ele [...] Desenvolver a parte pessoal, está nas pessoas ao redor do processo.”

A partir da análise das respostas sobre a concepção pedagógica dos treinadores entrevistados, constatou-se que todos são a favor da competição como instrumento de formação e educação nas idades estudadas, corroborando com a proposta de Marques (2004). Apesar de existirem poucas adaptações nas competições infantis e estas seguirem o modelo adulto de rendimento, indo de encontro a proposta do mesmo autor (2004), os treinadores destacam que a competição traz benefícios para as crianças, se bem conduzida pelos professores e pessoas envolvidas no processo. Estas adaptações e sua importância serão destacadas no próximo item da discussão.

4.2 COMPETIÇÕES CONFORME AS NECESSIDADES E CAPACIDADES DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS

Assim como em outros esportes, como o voleibol, o basquetebol, o handebol, o futsal e o tênis, as regras do futebol para crianças e jovens sofrem algumas adequações estruturais e funcionais e também organizacionais, em relação ao esporte para adultos, corroborando com estudos realizados por Arena e Böhme (2004) e Milistetd et al (2014), onde nestes estudos verificou-se: a idade que se dá a iniciação competitiva nos esportes; as principais adaptações nas competições; duração do calendário; divisão de categorias; e, os objetivos destas competições de esportes individuais e coletivos, para jovens atletas no estado de São Paulo, no caso o primeiro autor, e, do estado do Paraná, estudo realizado pelo segundo autor. Mas ao contrário das outras modalidades, o futebol no Brasil não possui uma proposta de regras oficiais regulamentadas por uma associação ou federação. Para uma melhor condução da discussão, usaremos como base além das fontes documentais e entrevistas, os casos das federações de futebol da Inglaterra (FA – Mini

Soccer) e dos Estados Unidos (USYSA – US Soccer Youth Association), onde estas possuem adequações regulamentadas em suas competições infantis.

Situada no interior do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na cidade de Teutônia está federação que gere as competições estaduais de futebol para as categorias menores de 15 anos, a Nova Liga Gaúcha de Futebol Infantil, conhecida informalmente por NOLIGAFI. Estas competições são realizadas em todo o estado do Rio Grande do Sul, abrangendo equipes do interior e da capital do RS.

Ao analisarmos os regulamentos das competições de 10 a 13 anos, constatou-se que existem algumas alterações nas regras do jogo propriamente dito (quadro 1), corroborando com os estudos de Arena e Böhme (2004) e Milistetd et al (2014), mas estas alterações não são suficientes para melhor adequar as competições as necessidades das crianças, se comparadas aos modelos de competições de futebol infanto-juvenil de outros países (quadra 2 e 3) e, até mesmo, a outros esportes que possuem uma estrutura oficial de regras adaptadas nas competições infantis, como por exemplo o *Tennis 10's*, no caso do Tênis (GONÇALVES, 2014), e o Mini – Basquetebol, no Basquetebol.

CATEGORIA	TEMPO	SUBST	BOLAS	T. META	ESCANT	OUTROS
SUB - 10	25' - 25'	9	Nº5	Linha da área	Manga curta	
SUB - 11	25' - 25'	9	Nº5	Linha da área	Manga curta	
SUB - 12	30' - 30'	9				
SUB - 13	30' - 30'	9				

(Adaptado de NOLIGAFI, 2015).

CATEGORIA	CAM	Nº	OFF-SIDE	BARREIRA	LATERAL	OUTROS
U – 10	55x36m	7v7	NÃO	4,5m	SIM	DISTÂN.
U – 11	75x45m	9v9	NOR	NOR	NOR	NOR
U – 12	75x45m	9v9	NOR	NOR	NOR	NOR
U – 13	NOR	11v11	NOR	NOR	NOR	NOR

(Adaptado de FA – Youth Development Review, 2012).

CATEGO	CAMPO	Nº	METAS	BARREIRA	GOLEIROS	
SUB - 8	46x28m	4x4	SIM	4,6m	NÃO	
SUB - 10	64X46m	8x8	SIM	7,3m	NORMAL	

(Fonte: UNITED STATES YOUTH SOCCER ASSOCIATION, Region II.)

As adequações nas competições de futebol de 10 a 13 anos de idade no RS se dão apenas na: redução do tempo de jogo oficial, tendo uma disparidade de tempo jogado pelas crianças; o aumento do número de substituições, não havendo obrigatoriedade de todas as crianças participarem do jogo; o tamanho e peso da bola são alterados nas categorias de 10 e 11 anos; e por fim, adaptações no “tiro de meta” e no “escanteio”. Estas adaptações são poucas, pois não levam em consideração o estágio de desenvolvimento em que se encontram as crianças, principalmente as até 11 anos e suas dificuldades encontradas nos jogos. Costa *et al* (2011) afirmam que o aproveitamento das capacidades técnico-táticas de atletas em estruturas de jogo reduzido é superior quando comparado ao das estruturas do jogo propriamente dito, o que justificariam mais adaptações para melhor adequar as competições, não tendo assim, um esporte muito próximo do que é praticado pelos adultos. Em consequência disso, muitas vezes na busca por resultados imediatos, privilegiando crianças com estágios maturacionais mais adiantados, pois estas se destacam por terem um melhor desempenho nas condições apresentadas pela competição (OTTO, 2002; GONÇALVES, 2014).

O estudo de Milistetd et al (2014), observou na federação paranaense que as crianças em esportes coletivos como futebol, vôlei e basquetebol, tem sua iniciação nas práticas competitivas a partir dos 10 anos de idade, somente o futsal e o handebol iniciam um pouco mais cedo. Os achados no presente estudo corroboram com o estudo de Milistetd et al (2014), visto que, as crianças iniciam na prática competitiva federada aos 10 anos de idade. O clube onde foram realizadas as entrevistas possui uma categoria Sub – 9, mas esta, não participa de atividades competitivas federadas, tem somente por objetivo formar uma futura categoria de 10 anos de idade.

Voltando ao pensamento de Marques (2004), já citado anteriormente no texto, onde o autor afirma que muito se estudou e evoluiu na questão do treino para crianças e jovens, mas as competições não seguiram este caminho. Concebemos o treino, ajustando-o às possibilidades das crianças e adolescentes em desenvolvimento, mas acabamos por esquecer de fazer o mesmo com a competição. Ao analisarmos a atual situação das competições infantis de futebol de 10 a 13 anos de idade no RS, fica clara esta afirmação/preocupação do autor, onde a competição não acompanha a evolução dos treinamentos dos mais jovens. Há pouca quantidade de adaptações nas categorias competitivas iniciais, as chamadas “categorias menores”, para crianças de 10 e 11 anos de idade, se comparado com as mesmas idades na Inglaterra e Estados Unidos, onde estas possuem mais adaptações na estrutura do jogo (tamanho de campo, número de jogadores, tamanho das “goleiras”) e também em regras do jogo propriamente dito (distância da equipe adversária no tiro de meta e cobrança de laterais, por exemplo), e até mesmo de outros esportes (tênis, basquetebol e vôlei), onde está preocupação – de adaptar o modelo competitivo infantil, já é uma realidade estabelecida oficialmente.

Da mesma forma que está claro nos quadros comparativos, também os treinadores acreditam existir poucas adequações nas “categorias menores”:

- Entrevistado 1: *“Acredito que o principal fator que deixa fora do enquadramento do desenvolvimento das crianças, tá na maneira que a competição é feita. Devido ao tamanho do campo, a como as pessoas que lidam em volta da competição, fazem a competição[...]*

Que os problemas estão aí, em como a competição é feita, a partir da organização que gere a competição.”

- Entrevistado 2: *“Mas em relação a competição, onde eu acredito que as categorias 10 e 11, as menores, deveriam jogar de maneira adaptada, a gente tem uma dificuldade na questão estrutural.”*
- Entrevistado 3: *“Até os 11 anos, eu acho que precisam adequar as competições, eu vejo eles com muita dificuldade nessa questão do campo. Na Europa, na Espanha, tu vê as crianças competindo com essas adaptações. Mas com 12 anos, eu já vejo os atletas desempenhando um jogo coletivo melhor.”*
- Entrevistado 4: *“O modelo não está adequado. Na minha categoria, que é a Sub - 10, e ano passado trabalhei com a “11”, precisa ser feito mais alterações. O campo, principalmente é muito grande.”*

Em suas respostas, também há a preocupação com as dificuldades das crianças em competir em condições inadequadas. Alguns exemplos dessa preocupação são: a integridade física dos seus alunos, que podem vir a ter lesões pelo tamanho do campo; o distanciamento dos modelos competitivos atuais para os modelos de treino, já adequados à realidade infantil; o prejuízo da técnica das crianças; Todos estes exemplos prejudicam o desenvolvimento das crianças e jovens de alguma forma. Os trechos que exemplificam estas preocupações:

- Entrevistado 1: *“O principal problema tá nessa adequação em relação ao modelo competitivo, não tá nos métodos de treino[...] Em relação ao desenvolvimento mais técnico (no treino), a gente perde um pouco por ter que competir naquela forma.”*
- Entrevistado 3: *“O campo se torna muito grande para eles, eles fazem um esforço muito grande, principalmente no segundo tempo, quando cai a questão física.”*
- Entrevistado 4: *“A gente, a criança tem uma perda como um todo. Mas principalmente, em não vivenciar as situações de maneira adequada a elas mesmas. O chute alto é indefensável, o passe longo tem a força*

de um chute, as decisões dentro do jogo são diferentes. Tudo isso altera pra criança.”

Sobre o treino, é consenso entre os entrevistados, que no modelo de treinamento do clube se busca uma progressão conforme as idades cronológicas e biológicas, corroborando com a proposta de Malina e Bouchard (2002), onde estes defendem o benefício que a atividade física trará as crianças, se bem trabalhada. Isto é identificado na resposta do Entrevistado 2: “[...]acredito que o método que a gente utiliza hoje, é um método bem próximo a o que a gente imagina como formação de atleta e formação do cidadão também[...].” E também na fala do Entrevistado 1: “Busco sempre atender especificamente a idade, busco organizar tudo de acordo com a idade, com o período da criança e tentar fazer com que dentro daquela idade ela viva as coisas daquela idade, não tento avançar nem nada[...].” Para fazer sentido, treina-se como se compete, como indicado por Marques (2004). No entanto, o modelo de treino acaba sendo baseado nas competições atuais, que seguem o modelo adulto, contrariando a proposta deste autor. Está realidade é evidente na fala anterior do “Entrevistado 1”, que destaca a “perda” no desenvolvimento da criança, por ter que estruturar o treino da mesma maneira que se compete e também na fala do Entrevistado 2: “[...]Mas como a gente não tem como competir dessa maneira adaptada, seria só treinar assim, então treinamos no 11x11[...].”

Diante desse quadro apresentado, da falta de adequações nas competições de futebol para crianças de 10 e 11 anos de idade, para que estas sejam atuantes na educação e formação dos jovens, surge uma reflexão: existe alguma forma de alterar está realidade? Para os entrevistados, sim. E esta mudança passa principalmente pela federação, estadual e a nacional. De acordo com os entrevistados é primordial as federações iniciarem este processo, de reestruturação das competições. Da mesma forma que em um estudo sobre a estrutura organizacional do esporte de rendimento do Brasil, Böhme et al (2012) afirma que:

“O esporte brasileiro necessita de estruturação esportiva nacionalmente, para que programas e projetos esportivos funcionem de maneira regional, mas de modo

integrado com diretrizes propostas e coordenadas por órgãos governamentais e entidades nacionais do esporte.” (BÖHME et al, 2012. Rev. bras. Educ. Esp. Abr/jun. p. 251-62).

Então ao encontro dos achados de Böhme et al (2012), os treinadores não estão equivocados em pensarem dessa maneira, em acreditarem que deva partir das federações o primeiro passo para uma reestruturação da competição infantil de futebol. E, principalmente, oferecer suporte para clubes, dirigentes, e até mesmo, para pais e torcida, que também fazem parte do processo de formação e educação das crianças e jovens. Estas opiniões dos treinadores demonstram uma falta de interesse por parte da federação, corroborando com os achados de Milistetd et al (2014), onde as poucas adequações nas competições infantis por parte das federações de futsal e futebol paranaense – em esportes considerados populares nacionalmente – levam a crer que não há uma preocupação com a formação esportiva a longo prazo do seus jovens. Os trechos que representam estes pensamentos:

- Entrevistado 1: “[...] quanto mais organizada ela for, melhor. Quanto mais correta, quanto mais o juiz mais certo, o campo melhor, a estrutura, mais condições pra criança, melhor. E isso passa pela federação[...].”
- Entrevistado 2: “[...] em primeiro lugar vem da federação. Acho que a federação poderia trabalhar mais em pró da formação do cidadão, que tenha palestra pros pais, que tenha uma proximidade dos pais com o que a gente quer propor[...].”
- Entrevistado 3: “[...] acho que poderia ter uma melhora, um pouquinho mais da federação estadual agregando com a nacional, trazendo cursos, intercâmbios, tanto pros atletas como pros profissionais, né![...] Acho que poderia ter um esforço maior na questão financeira (incentivo) para melhorar a formação do profissional, quanto nas competições para melhorarmos as vivências dos atletas. O ponto de partida para continuarmos essa evolução, passa pelas federações. Acho que o processo deveria ser revisto para uma maior evolução.”

- Entrevistado 4: “[...] federações em conjunto com os clubes. A gente sabe da realidade de estrutura dos clubes menores, que as vezes para eles fica difícil, mas as federações, CBF e FGF precisa investir mais na base, na formação.”

Diante da realidade apresentada neste capítulo, sobre a falta de adequações nas competições de futebol para crianças e jovens, principalmente nas categorias de 10 e 11 anos, e a clara necessidade de mais adequações às exigências deste público para estas serem mais atuantes na educação e formação dos jovens, podemos observar através dos materiais coletados que para o processo ser alterado é necessária uma força tarefa em conjunto, das federações, dos clubes, das pessoas envolvidas e até mesmo da academia, que com mais pesquisas na área poderá ajudar no processo de formação de novos atletas, para elaborar modelos competitivos mais à medida das crianças e dos jovens amenizando os aspectos negativos da competição e potencializando seus aspectos positivos (CAZZETO, 2010).

4.3 AS VITÓRIAS E DERROTAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO.

Marques (2004), afirma que não podemos nos cegar sobre a questão dos resultados, das vitórias e derrotas, que fazem parte do processo de competição esportiva infanto-juvenil. Chegando ao ponto de afirmar que as vitórias imediatas podem comprometer mais o futuro das crianças no esporte, do que as derrotas.

Perguntado aos treinadores se o atual modelo de formação supervaloriza os resultados da competição, como no modelo adulto de rendimento, ou se utiliza destes para melhor conduzir o processo de formação das crianças, as respostas foram semelhantes. Todos de alguma forma acreditam que o processo de supervalorização dos resultados passa por uma reconfiguração ao menos em seu discurso, mas ainda se dá excessivo valor ao resultado. As respostas que representam este pensamento:

- Entrevistado 1: “Acredito que ainda é, que ainda supervaloriza os resultados, ainda. Mas tá num processo que tá deixando um pouco de lado os resultados, pelo menos no

discurso. Tem se passado a ideia que desenvolver equipes e os jogadores para chegarem bem desenvolvidos no profissional, mas as vezes quando se perde, há cobrança, cargos são mexidos[...].”

- Entrevistado 2: “Infelizmente, sim. Infelizmente a gente valoriza muito o resultado final. Eu acredito que o “carro-chefe” da formação de qualquer esporte, não pode ser em cima do resultado.”
- Entrevistado 3: “Acho que a gente tá numa fase de melhorar essa situação. Esta havendo uma mudança significativa, trazendo a formação como principal fator, nem tanto as vitórias. Mas o processo ainda tem que melhorar[...].”
- Entrevistado 4: “Cara, ainda se valoriza o resultado. Mesmo que os treinadores tentem amenizar, ainda acontece. As vezes são tomadas decisões em cima de resultados e isto prejudica todo o processo, tanto para a criança, como para o treinador.”

Para Marques (2004) uma valorização excessiva dos resultados na competição, que pode ser observada nas respostas dos entrevistados, trará um aumento das cargas do treino, uma rápida especialização dos exercícios e métodos de treino, para que o resultado seja diferente na próxima competição. O Entrevistado 3 afirma: *“[...] hoje em dia eu vejo muito menos pra supervalorização dos resultados e muito mais pra formação, né!; Só que quando tu chega em jogos mais competitivos (dá o exemplo do clássico da cidade), tu também tem que ter o resultado, além do desempenho.”*

Para Brotto (1999) o objetivo da competição é eliminar os menos capazes e assim, ser uma fábrica produtora de perdedores. Já Lovisolo, Borges e Muniz (2013), mencionam que a competição é vista como elemento negativo do esporte por seus resultados apresentarem apenas duas situações: vencer ou perder. Já Marques (2004), defende que justamente por esta dicotomia que a competição é instrumento importante para os professores utilizarem na formação dos jovens, por possibilitar situações de vitórias e

derrotas é que as crianças estarão preparadas não somente para o esporte, como também para a vida.

Corroborando a Marques (2004), alguns treinadores acreditam que a competição não é só “ganhar ou perder”, eles acreditam que os novos treinadores estão olhando cada vez mais para o processo de desenvolvimento e não para os resultados, utilizando dela para melhor conduzir a formação das crianças e jovens. O Entrevistado 1 representa esta afirmação no seguinte trecho: *“Os novos treinadores tem prestado mais atenção em como as equipe estão jogando e como os jogadores tão se desenvolvendo, do que só ganhou e perdeu [...] mas não posso resumir a educação dos meus jogadores a vencer mais ou ganhar mais, ou a ganhou ou perdeu, na vitória tá tudo certo e na derrota, tudo errado.”* Discordando disso, o Entrevistado 2 afirma: *“[...] a formação esportiva não pode ser em cima do resultado, mas acho que teria outras situações antes de pensar no resultado. Mas, eu acredito que a gente valoriza muito o resultado final. Ganhou o trabalho foi bom. Perdeu o trabalho já não foi tão bom assim.”*

Um estudo realizado por Gonçalves (2014) com treinadores de tênis, abordou-se a questão das vitórias e derrotas como o elemento fundamental para a formação dos jovens. Nesse estudo, os treinadores também mencionaram que o direcionamento das atitudes dos competidores diante dos seus resultados competitivos é o ponto central da formação educacional do indivíduo. Abordando sobre o tema das “vitórias e derrotas” e seu papel educativo, os treinadores corroboraram com o autor. Observamos através de suas respostas:

- Entrevistado 1: “Acredito que a vitória traz um gosto de vencedor, de como é bom vencer pro jogador, pra quem tiver na competição. Acredito que isso ensina muito, a pessoa começa a gostar de vencer, de estar sempre em cima. E a derrota ensina muito em relação a eu poder ser melhor, as vezes a gente não se preparou tão bem e se frustra porque podia ter se preparado melhor, nos ensina que a gente deve sempre se desenvolver ao máximo.”
- Entrevistado 2: “Acredito que sim, mas vai depender de como o treinador e comissão técnica vão trabalhar em cima disso – da vitória e da derrota. O feedback

para o atleta vai ser o que vai determinar se a gente vai potencializar a vitória e a derrota, ou não. Não podemos cair no erro de achar que ganhou, tá tudo bem ou perdeu tá tudo errado. Acabamos perdendo o potencial do resultado.”

- Entrevistado 3: “Sim, até acredito que se aprende muito mais com as derrotas. Nas vitórias, normalmente tem muitas situações de acerto, coisa que eles já estão acostumados a fazer. Nas derrotas, a gente vê o que faltou e pode ser evoluído. Aspectos de tática individual, situações de jogo, de tomada de decisão, podem ser revistos em vídeos, por exemplo, que auxiliam no processo de formação.”
- Entrevistado 4: “Sim, sim. As vitórias e derrotas são muito importantes pra criança. Até acho que pro professor utilizar pra formação deles, com a derrota tem mais coisa pra se aprender. A tentar de novo, a saber perder, respeitar o adversário, de mostrar pontos positivos na derrota, que ela faz parte da vida. E também a vitória, onde nem tudo tá sempre certo, o elogio, a felicidade de vencer, querer ganhar de novo[...].”

Ao observarmos as falas dos treinadores, é clara a importância da intervenção pedagógica do treinador na condução do processo de formação dos jovens. É fundamental que valores corretos sejam transmitidos para as crianças nas vitórias e nas derrotas, mas principalmente que não se ceguem a questão dos resultados e suas potencialidades (MARQUES, 2004).

Desta forma, Silva (2004) ressalta a importância do papel desempenhado pelo treinador no processo de formação dos alunos, o autor assinala que os efeitos positivos e negativos associados ao esporte não possuem relação direta com a participação esportiva em si, mas sim com a maneira de como foi conduzida a situação experienciada pela criança. Exemplo disso é como os treinadores lidam com a derrota no processo competitivo e a fala dos treinadores vai ao encontro do que Silva (2004) propõe, quando perguntados especificamente do sentido pedagógico e moral da derrota no processo competitivo:

- Entrevistado 1: “A derrota tem um problema, que se perde sempre, a pessoa acaba desistindo dessa área [...] e a pessoa que tá gerindo as pessoas que perderam, devem levar elas a acreditar naquilo que é o desenvolvimento, a saber se desenvolver pra na próxima competição não ter a derrota ou não ser da mesma forma, tem muita importância.”
- Entrevistado 2: “Muito. Vai lá de novo o papel do professor. Acho que o ser humano tem o costume de transferir responsabilidade na hora da derrota, né! Foi culpa do outro, foi a sorte, foi azar [...] Então eu acredito que a derrota, ela nos coloca no caminho da vitória, mas a partir do momento que a gente saiba utilizar ela.”
- Entrevistado 3: “Serve para corrigir erros, mas vai da forma como tu passa isso pra eles. A gente tem que saber que eles tem 12, 11, 10 anos, que são crianças e fazer com que a derrota seja um crescimento para a vida do atleta.”
- Entrevistado 4: “Da derrota pode se tirar mais, se tu saber aproveitar dela. O nosso papel é principalmente direcionar a criança a enxergar o que está acontecendo. E não simplesmente cobrar por cobrar e não mostrar o que ela não está vendo. Serve como uma nova oportunidade.”

No mesmo sentido em que o Entrevistado 1 aborda, sobre a possibilidade de abandono da criança, Catita (2002) ressalta que mesmo havendo múltiplos pretextos para que os atletas desistam da prática esportiva, a qualidade da relação com o treinador é a mais determinante delas.

Este tópico tratou das vitórias e derrotas, mais especificamente da sua função no processo de formação infantil e o papel dos treinadores frente a esses comportamentos. Diante do impacto dos resultados competitivos e suas abordagens, é importante que os atletas vivenciem com frequência as competições. Devido a isso a próxima categoria abordará o tema da frequência de participações competitivas e sua importância para as crianças e jovens.

4.4 FREQUÊNCIA DE PARTICIPAÇÕES COMPETITIVAS INFANTIS

A frequência de participações competitivas é um tema de extrema importância a ser estudado para um melhor aproveitamento dos aprendizados adquiridos nas competições sejam transferidos e utilizados pelos participantes fora da vida esportiva, e para uma melhor adequação do modelo competitivo as crianças e jovens. Por ser um tema bastante discutido por diversos autores (ROST, 1997; ARENA; BOHME, 2004; MARQUES, 2004; BOMPA, 2009) e por não existir um consenso acerca do número ideal, os treinadores foram questionados sobre a atual situação na qual se encontram as competições de futebol das categorias de 10 a 13 anos de idade. De maneira geral, os treinadores acreditam que o modelo competitivo pode ser mais bem adequado, mas não chegam a uma definição, sendo algumas falas até divergentes. Suas respostas acerca do tema:

- Entrevistado 1: “Acho que não. Acho que tem muita competição, contando tudo, contando treino, jogos, viagens, convivência, dependendo do menino já tem uns que moram em alojamento, em casas de atletas, então nessas ocasiões é pior ainda. Acredito que acaba tendo uma carga muito grande de exigência pra competição em relação a idade, acaba tendo muita pressão em cima do jogador pra que ele seja muito bom.”
- Entrevistado 2: “Hoje na minha categoria até digo que tem pouca competição, hoje. A gente joga uma vez a cada 15-20 dias, até acredito que poderia ter mais né. Mas vejo adequado, não vejo um excesso assim de competições.”
- Entrevistado 3: “Acho que poderia ser um pouquinho melhor, por que a gente tem muito mais treinos do que jogos. Então de acordo com o que a gente treina, tu precisa do jogo pra ter a evolução que foi treinada. Mas ao mesmo tempo tem torneios com vários jogos, um atrás do outro, eu acho ruim, como também acho ruim tu jogar a cada 15-20 dias.”
- Entrevistado 4: “Eu acho que tá ideal, contando treinos e competições no total. Até uma das coisas que me motiva a trabalhar hoje aqui, é que nossa categoria

treina só 3 vezes por semana. Antes não era assim, era todo dia, depois passou pra 4 dias, até no que tá hoje. A criança dessa idade, tem que brincar, estudar, jogar bola no colégio, o que também faz parte do seu desenvolvimento e deve ser respeitado.”

O Entrevistado 1 acredita que o número é excessivo, mas não pelo fato de se jogar e competir muitas vezes e sim pela exigência que é feita com as crianças, principalmente pelo clube. A teoria proposta por Marques (2004) na qual este estudo está embasado sugere uma maior participação em atividades competitivas, entretanto o autor concorda que muitas vezes as competições possuem exigências que vão além das capacidades de seus participantes, o que corrobora a preocupação do Entrevistado 1. O entrevistado ainda menciona que: *“[...] às vezes o menino não tá afim de jogar, não tá afim de fazer bonito hoje. Mas hoje é o jogo, hoje tem que fazer bonito. Então, dependendo do menino, ele acaba tendo uma importância muito grande, principalmente os melhores, quanto mais joga, mais dele é exigido ser melhor.”* O treinador toca em um ponto importante, no qual fala sobre os “melhores” do time e a exigência que o clube tem com eles. Em um estudo realizado por Aires (2015), com treinadores de Karate-do, foi apontado a mesma preocupação. Onde atletas que se classificam para etapas principais e podem ser chamados para seleções nacionais, tem a partir daí, uma maior exigência. Este fato também é encontrado por Cazzeto e Montagner (2013), porém no Judô.

Os entrevistados 2 e 3 tem respostas semelhantes. Ambos abordam a situação atual das competições de futebol estadual para crianças e jovens em que jogos oficiais são realizados a cada 15 - 20 dias em média, deixando o calendário da competição muito longo, fato que também foi verificado em esportes coletivos por Arena e Böhme (2004), ao analisar as federações esportivas paulistas e suas estruturas. Os dois entrevistados acreditam em uma melhor adequação, em que mais jogos poderiam ser realizados, o que pode ser justificado pelo fato de ambos treinarem as categorias maiores estudadas. O Entrevistado 2, ressalva ao menos o fato de não se ter um excesso de jogos, o que é bom, levando em conta que o excesso de jogos pode levar a um desgaste físico e emocional por parte das crianças, chegando até o abandono, fato citado por Bompa (2000). Por outro lado, o Entrevistado 3

chama atenção para outra questão, de se ter um distanciamento em relação ao número de jogos oficiais e treinos. A preocupação do entrevistado corrobora com a proposta norteadora deste estudo, a proposta apresentada por Marques (2004). Nela o autor defende a realização de atividades competitivas com curtos períodos de preparação entre elas, porém, o tipo de competição deve ser modificado, sendo a competição adequada aos seus participantes e uma extensão do treino.

O Entrevistado 4 nos traz outra abordagem. Para ele, o número de competições sejam elas oficiais ou realizadas nos treinamentos, está de acordo com as exigências das crianças. O treinador destaca também o fato da relação do número de treinos e de jogos oficiais estarem adequados em relação há anos anteriores, onde eram feitos mais treinamentos e pelo fato das competições já estarem implantadas no modelo de treino. Situação que pode ser afirmada na seguinte fala do mesmo treinador: *“A gente já trabalha a competição no treino das crianças. Desde pequenos jogos, situações de 1x1, 2x2, 3x3, onde a competição é estimulada até o jogo propriamente dito. A criança precisa desse estímulo – de competição – nos treinamentos também, para que no dia do jogo ela esteja acostumada a isso.”* O que é destacado pelo entrevistado, vai ao encontro de Marques (2004) e sua proposta de modelo competitivo para crianças e jovens, onde afirma que as competições não são somente as de modelo formal, são os pequenos jogos, as pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas, que sim, podem e devem acontecer nos treinamentos e formam a aprendizagem por excelência. Soares e Montagner (2001) corroborando a Marques (2004), afirmam que para que a competição seja parte integrante de um processo é necessário que ela aborde os mesmos conteúdos das aulas.

A respeito da forma na qual a competição é realizada, ao analisarmos os regulamentos das competições de futebol de 10 a 13 anos, verificou-se que os modelos nas diferentes categorias estudadas não diferem entre si em periodicidade e duração, corroborando com os achados de Arena e Böhme (2004).

Para Marques (2004), a participação competitiva só ser estruturante na formação dos jovens, se esta estiver adequada a suas capacidades e seguir os pressupostos do treino, sendo assim um complemento para a preparação do

seu público. Da mesma forma, a importância de participar o maior número possível em diversos quadros competitivos, sejam os mais simples ou os mais estruturados. Desta relação, de participar do maior número de competições em que as mesmas estejam adequadas, surgirão as oportunidades para as crianças vivenciarem o maior número de derrotas e vitórias possível, assim maximizando o potencial educacional e formativo das competições. O autor ainda destaca o potencial educacional da relação vitória/derrota como sendo central para se ter a competição como elemento estruturante na formação esportiva dos jovens. Tema que será abordado no próximo e último item.

4.5 A COMPETIÇÃO COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E JOVENS

Para iniciar o item final da discussão, trazemos primeiro a resposta do Entrevistado 1 e no final do item traremos a pergunta: *“Enquanto a gente tentar encarar a competição como tudo, a gente vai ter problemas no desenvolvimento da pessoa. Mas quando a gente começar a encarar o desenvolvimento da pessoa como tudo, a competição vai ser um meio de desenvolver pessoas, e não uma maneira de subir na carreira, de ter sucesso. Eu acredito que a competição é um meio, é uma maneira de tu jogar contra todos, de te desenvolver, de ganhar e perder, mas sendo bem encarada e conduzida pelas pessoas envolvidas nela.”*

A fala do Entrevistado 1 vai ao encontro do que Reverdito *et al* (2008) afirma sobre o processo competitivo. Para o autor a competição deve fazer parte do processo educacional e não ter um fim nela mesma, assim como deve ser uma experiência desafiadora, colaborando para a afirmação das capacidades dos alunos.

Marques (2004) destaca que o potencial educativo das competições está intimamente ligado à questão dos resultados, das vitórias e derrotas. Sendo esta, influenciada pelas adequações das competições e também, pela formatação do calendário ou do número das participações competitivas.

Os quatro entrevistados em suas falas, abordaram duas questões para que as competições de futebol sejam estruturantes na formação e educação das crianças e jovens: a importância da intervenção do treinador no processo

competitivo e das pessoas que rodeiam as crianças; e o caráter das vitórias e derrotas e sua condução;

Todos entrevistados abordam sobre o tema da importância da intervenção do professor e do envolvidos no processo como um todo. O que nos leva ao primeiro ponto deste item. De acordo com os entrevistados, de nada adianta para a formação das crianças a competição englobar todos os itens abordados no texto: não adianta ela estar adequada em seus conteúdos em relação às necessidades e capacidades das crianças tanto nos treinos como nos jogos; não adianta o seu calendário estar bem organizado promovendo jogos sistematicamente; não adianta ela promover valores de integração e sociabilização entre atletas e profissionais envolvidos; se no final, a maneira como ela é conduzida pelo treinador e pelos envolvidos no processo estiver inadequada. Os itens abordados podem ser vistos nas seguintes respostas:

- Entrevistado 1: “Interessa como as pessoas vão encarar isso [...] Não adianta eu diminuir o campo e xingar o menino por que errou um gol, o pai continuar gritando pro menino correr, mesmo que ele não aguenta mais e se substituir, ficar brabo com o treinador, xingar o treinador. Então isso no campo pequeno ou no campo grande vai acontecer.”

- Entrevistado 2: “A competição é um assunto complexo. Acho que (para ela ser elemento formador) vai muito do que o clube, as propostas do clube, a maneira que a comissão técnica vai trabalhar a competição[...] Acho que a gente precisa de uma mesma linha de pensamento para otimizar a formação deles, como cidadãos e como atletas.”

- Entrevistado 3: “Se as competições forem bem planejadas e estruturadas, eu não vejo problema em participar de todas elas. Agregar pra eles as muitas situações de convívio entre eles e com outras equipes, é importante para formação deles. Então as competições devem ser mais estruturadas para que eles se formem melhores cidadão, pois não sabemos se todos serão atletas no futuro.”

- Entrevistado 4: “O problema da competição não tá nela, ela não é o problema. Claro que é o que a gente conversou, precisa de mais adequações, sim. Mas a competição proporciona muita coisa boa pra

formação das crianças e vai do treinador pegar essas situações e usar para desenvolver elas. E isso tá no dia a dia, na forma como cobramos, organizamos os treinos, que a direção também cobra deles. Os pais, que não temos com lidar também fazem parte do processo. Então é um todo, né! Que vai ajudar a formação das crianças[...]"

Weinberg e Gould (2008) afirmam que a orientação que o professor dá para a tarefa apresenta melhores resultados na motivação intrínseca dos participantes se comparada a quando o professor dá a orientação pelos resultados, o qual origina uma diminuição da motivação e por consequência, perda na eficácia. Ao afirmar o prêmio resultante à vitória, se atua negativamente na motivação do indivíduo, passando a sua motivação a algo externo, o prêmio. Como já mostrado no texto, o treinador e sua intervenção são fundamentais na definição dos objetivos da competição (PALMEIRA, 2003), sabendo que o sistema competitivo pode influenciar de forma importante no contexto e o contexto influenciar no sistema. Para os entrevistados 2 e 4, não é somente os objetivos do treinador e sua intervenção que influenciam na formação do jovens, é também responsabilidade do clube, pessoas envolvidas, é todo o processo estar planejado e estruturado em prol da criança.

Marques (2004) questiona sobre qual o sentido teria o esporte para a criança sem a competição? O sentido primordial do esporte para a criança é o jogo. É a competição. Por que então, tirar dela a experiência de vencer e ser vencido? Para o autor como para os entrevistados, não se pode pensar o esporte sem a competição. Quando pensamos na competição como elemento central da formação, alguns cuidados devem ser tomados, principalmente na maneira como encaramos a competição e exigimos das crianças. Os entrevistados 1 e 4 vão ao encontro disso, onde comentam que de nada adianta o processo estar adequado se a condução do mesmo for prejudicial, se a exigência e cobrança de resultados for excessiva. Voltamos assim ao processo de vitórias e derrotas e sua condução no processo formativo.

Sobre a segunda questão, as vitórias e derrotas, tema abordado no item 3, Marques (2004) a define como principal fator para que a competição seja atuante no processo de formação educacional. Em hipótese alguma a competição deve ser abdicada da formação esportiva, ela faz parte da vida e é

através do esporte ela pode ser utilizada de maneira positiva, contribuindo para a formação dos indivíduos. Esta utilização passa pelas vitórias e derrotas. A capacidade do esporte em promover oportunidades de vitória e de derrota é fundamental para o autor. São nessas oportunidades que as crianças terão a chance de se autoconhecerem, de se sentirem desafiados, de buscarem seu melhor, de valorizarem os vencedores quando vencidos, de se criarem, sendo sujeitos protagonistas na sua atuação. Pode então a competição ser estruturante da formação dos mais jovens, afirma o autor. Tanto nas vitórias, como nas derrotas. Sendo até a derrota mais importante que a vitória. O que não invalida os treinadores de oferecerem mais oportunidades de vitórias às crianças, para assim manter os praticantes motivados e interessados para continuar no esporte. O que não faz sentido é o esporte sem desafios, sem competição (MARQUES, 2004).

Em relação à questão das vitórias e derrotas e as respostas dos entrevistados vistas anteriormente no item 3, podemos afirmar que todos os treinadores apropriam-se dos resultados para melhor conduzir o processo de educação e formação, corroborando com a proposta de Marques (2004) e com os achados por Gonçalves (2014) e Aires (2015), onde estes entrevistando treinadores de tênis e Karate-do, respectivamente, observaram resultados parecidos na condução dos resultados competitivos. Cada um dos quatro professores entrevistados conduz os resultados de sua maneira, um de forma mais técnica, visando corrigir erros e aprimorar o jogo dos jovens e os outros de maneira mais pedagógica, dando valor e sentido ao processo das vitórias e derrotas, resultando em um desenvolvimento pessoal importante (PALMEIRA, 2003). Outros trechos que representam as preocupações dos treinadores com a questão das vitórias e derrotas no processo:

- Entrevistado 1: “Se o atleta se desenvolveu bem, a pessoa se desenvolveu ao máximo, acho que a vitória e a derrota vão acabar com um peso bem menor na consciência dela, mas se a pessoa não se desenvolveu ao máximo, a vitória vai ser [entonação] muito boa e a derrota vai ser muito frustrante, por que a pessoa não se preparou, mas se a pessoa se prepara e mesmo assim perde, ela sabe que faz parte do processo e que vai aprender mais com o processo

do que com a derrota em si, vai amenizar um pouco os problemas que cada um tem”.

- Entrevistado 2: “E uma das dificuldades que eu vejo, é que a gente (clube) tenta trabalhar de uma maneira que o resultado não venha em primeiro lugar na formação, mas que a pressão que eles recebem da família não é a mesma da que a gente procura trabalhar aqui durante os treinamentos. Também tem a cultura do nosso país, que temos que ganhar sempre.”
- Entrevistado 4: “Os resultados no processo são bem delicados de se lidarem. Dependendo da tua forma de abordar eles, na tua cobrança no dia a dia, tu pode perder o atleta que não foi preparado pra isso, então cabe a nós, treinadores, comissão técnica, diretores, orientá-los nessas idades, onde o principal não são os resultados e que eles devem se desenvolver ao máximo independente dos resultados.”

Gonçalves (2014) observou em seu estudo com treinadores de tênis, que quando a pressão por resultados na competição é excessiva, os participantes podem vir a ter desvios de conduta. Isto é observado pelo Entrevistado 2 que afirma: *“Tem que ter um equilíbrio no momento que a gente pensa no ganhar, no perder. Mas a competição ela nos ensina também essa parte de saber diferenciar de que maneira a gente vai ganhar, não é ganhar de qualquer maneira, respeitar também a superioridade do adversário, não menosprezar o adversário também. Então, tu acaba aprendendo a ganhar e também acaba aprendendo a perder também.”* Estes valores estão inseridos na cultura do esporte, mas são muito difíceis de serem trabalhados. No futebol, principalmente profissional, é recorrente atitudes de desrespeito aos adversários, falta de “fair-play”, atitudes desonestas, a busca pela vitória a qualquer custo. Como isso é intrínseco ao futebol, parece ser uma questão muito difícil de ser desenvolvida. Atitudes como cumprimentos entre as equipes antes e depois das partidas promovem um pouco do sentido que é o esporte, de cooperação e integração, mas parece não ser suficiente. Gonçalves (2014) cita que no tênis é comum um atleta falar que bola foi fora ou dentro auxiliando os árbitros, silêncio entre os pontos, pedido de desculpas quando algo não intencional acontece e até mesmo partidas sem árbitros. Mas e no futebol, quando vimos atitudes assim acontecerem? Principalmente esportes de luta,

como Karate e o judô, são voltados ao respeito e a educação, sendo o tênis da mesma forma. O autor ainda destaca que ao contrário disso no futebol impera a valorização pela cultura do “malandro”. Cabe aos treinadores melhor desenvolverem estes aspectos para formar atletas com valores mais positivos e mudar esta imagem.

Ainda sobre a pressão por resultados na competição, um estudo de Cazzeto, Montagner e Lollo (2010), mostra que a competição de judô é caracterizada pela pressão. Também Gonçalves (2014) encontrou resultados parecidos, onde os treinadores entrevistados abordaram o tema das crianças sendo pressionadas pelas competições. Para responder este tema, Gonçalves (2014) utiliza-se de achados de Coelho e Coelho (2000) que em seu estudo apresentou diferenças significativas nos níveis de ansiedade e frequência cardíaca quando comparado crianças de 9 a 12 anos que competem em esportes organizados com crianças que somente praticam esportes informalmente. A justificativa está nos esportes – judô, tênis, futebol, atletismo, - estudados e seus modelos competitivos serem baseados nos modelos adultos de rendimento, onde estes ainda não possuíam as adequações necessárias. O qual corrobora com o presente estudo, podendo ser um dos motivos pelo qual as crianças sofrem pressão nas competições.

Marques (2004) afirma que a competição pode sim, ser estressante e geradora de pressão sobre o público infanto-juvenil. Porém, se forem considerados os aspectos abordados durante o texto e por ele sugeridos em sua teoria para competição infantil, esta pressão pode ser reduzida e a competição será atuante na formação e educação das crianças e jovens.

Por fim, voltamos ao primeiro parágrafo deste item, para então fazer a pergunta chave da discussão deste item: Podem as competições de futebol infantil ser elemento central na formação educacional de crianças e jovens? Os entrevistados representados pela resposta do Entrevistado 1, acreditam que sim, porém todo o processo deve estar em consonância com seu sujeito principal, a criança. Fato esse abordado nas recomendações da Federação Inglesa de Futebol, quando esta criou o “Mini-soccer” no ano de 1990: “As crianças são mais importantes que as atividades nas quais elas estão inseridas. O jogo não é o principal, a criança é”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões norteadoras realizadas na introdução do texto, pode-se concluir que, na perspectiva dos treinadores entrevistados, as competições de futebol para crianças de 10 a 13 anos, atuam de forma positiva na formação e educação dos seus participantes. Segundo os entrevistados, as situações de desafio oferecidas pela competição e principalmente as vitórias e derrotas são oportunidades singulares para desenvolverem seus alunos no processo educacional, porém o processo das vitórias e derrotas precisa ser revisto para melhor nos utilizarmos dele e não perdermos futuros atletas precocemente. O desenvolvimento de valores pessoais como o respeito aos adversários, a busca pelo seu melhor e sentido de cooperação entre os colegas, são privilegiados nesse caminho. Porém, a inadequação dos conteúdos das competições ao público infanto-juvenil é evidente, principalmente quando se trata da adequação estrutural do jogo propriamente dito, principalmente para as categorias de 10 e 11 anos de idade. A falta de apoio e de interesse das federações (nacional e estadual) em melhor adequarem o processo competitivo, é o principal argumento dos treinadores para que esta realidade não se modifique. Já em relação à frequência da proposta de atividades competitivas, pode-se ver uma adequação em relação aos anos anteriores, mas que esta ainda precisa ser mais bem estruturada para que as crianças vivenciam sistematicamente as atividades competitivas e suas oportunidades, de acordo com o que é proposto por Marques (2004).

Tratando organização do trabalho, algumas limitações são encontradas. Na estrutura, podemos observar a dificuldade em encontrar documentos que sejam relevantes para a pesquisa. Os documentos utilizados foram os regulamentos de apenas uma federação de futebol, escolhida pelo fato de organizar a competição de maior “nível” dentro do estado, podendo levar a apenas uma visão de estrutura organizacional do esporte. Também o fato da federação nacional não possuir regulamentos ou cartilhas com recomendações para as competições infantis é uma limitação do estudo. O fato que apenas quatro treinadores de um clube de Porto Alegre foram entrevistados nos leva a questão da generalização dos achados e as suas respostas estão influenciadas por, além de suas vivências, pela realidade do clube. Para futuros estudos,

indica-se que treinadores de diferentes regiões sejam entrevistados e, principalmente pessoas das federações e também diretores dos clubes, para uma melhor coleta de dados. Já no viés teórico, possuímos a limitação de termos apenas uma teoria da competição esportiva formulada especialmente para o público infantil no sentido de formação e educação, a teoria de Marques (2004). Esta teoria sustentou a questão central do estudo e suas questões norteadoras, que de alguma forma foram alcançadas até mesmo com outros questionamentos que surgiram no decorrer do estudo. Mas esta falta de autores da área prejudica para uma melhor discussão dos resultados. Já falta de estudos sobre a competição infantil e, em especial no futebol, é um fator que justifica a necessidade que novos estudos mais aprofundados na área sejam realizados.

Por fim, acredita-se que as contribuições deste estudo são de suma importância para a realidade das competições de futebol infantil, visto que não há estudos nesta área em específico. Crê-se que este seja o primeiro passo para uma futura reestruturação do futebol nas categorias iniciais no Rio Grande do Sul e por que não, no Brasil. Fato que por si só, indica a necessidade de novos estudos mais aprofundados na área para uma melhor adequação das competições infantis de futebol e uma continuação da melhora deste processo.

REFERÊNCIAS

AIRES, Hannah; **As Competições de Karate-do: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens**. Programa de Pós Graduação de Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, UFRGS, 2014.

ARENA, Simone Sagres; BÖHME, Maria Tereza Silveira; Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo; **Revista Paulista de Educação Física**., São Paulo, 14(2):184-95, jul./dez. 2000.

ARENA, Simone Sagres; BOHME, Maria Tereza Silveira. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p.45-50, dez. 2004.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi *et al.* **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-110.

BALBINO, H. F. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas**: bases para uma proposta em pedagogia do esporte. 2001. 137 f. Dissertação – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2001.

BALBINO, H. F. Os jogos desportivos coletivos e as inteligências múltiplas na interface da relação homem e ambiente. *In*: MOREIRA, W. W.; REGINA, S. (Org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013. p.189-217.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Vigot, 1994.

BENTO, J. O.; Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. *In*: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p. 21-56.

BOMPA, Tudor. Excelling in competition. *In*: BOMPA, Tudor. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000. p. 167-177.

BOMPA, Tudor. **Periodization**: theory and methodology of training. 5^a ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.

BROTTO, F. O. *Jogos cooperativos*: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)– Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CATITA, Luiz. A relação treinador-atleta: a importância do treinador na motivação e continuidade da prática de jovens atletas em luta. **Luta Magazine**, Lisboa, v. 1, n. 1, p.1-9. 2002.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato et al. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631-647, 2011.

CAZETTO, Fabiano Filier; MONTAGNER, Paulo Cesar. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.p. 147-192.

CAZETTO, Fabiano Filier; MONTAGNER, Paulo Cesar. LOLLO, Paulo César; A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas**, v.8, n.2, p.159-173, mai/ago, 2010.

CAZETTO, Fabiano Filier; MONTAGNER, Paulo Cesar. As influências do esporte espetáculo na competição de jovens: as lutas em estudo. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 147-192.

COAKLEY, J. **Sports in society: issues and controversies**. 10. ed. Saint Louis: Times Mirror, 2008.

COELHO, R. W.; COELHO, Y. B. Estudo comparativo entre o nível de stress de crianças envolvidas em diferentes esportes organizados e em atividades físicas competitivas informais. **Revista Treino Desportivo**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 27-39, 2000.

CONDE, C et al. La formación multideportiva de los jóvenes que se inician en el deporte. **Wanceulen E.f Digital**, Sevilla, n. 7, p.52-58, 01 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.wanceulen.com/revista/index.html>>. Acesso em: 19 out. 2015.

COSTA, I. T. *et al.* Relação entre a dimensão do campo de jogo e os comportamentos táticos do jogador de futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v.25, n.1, p.79-96, jan./mar. 2011.

DARIO, Bruno Estevan Siqueira; BARQUILHA, Gustavo; MARQUES, Reinaldo Monteiro. Lesões esportivas: um estudo com atletas do basquetebol bauruense. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 205-215, 2010.

De ROSE Júnior, Dante; KORSAKAS, Paula; O processo de competição e ensino do desporto. In TANI, Go;BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 2006. p. 253 – 260.

DE ROSE Júnior, Dante. Tolerância ao treinamento e à competição: aspectos psicológicos. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Cap. 12, p. 251-264.

DE ROSE, Dante; **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília; v.10; Outubro, 2002. p. 19-26

FERRAZ, O. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. In De Rose Jr., D (Ed.), **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**; Porto Alegre: Artmed, 2002.

FILGUEIRA, F. M; GRECO, P. J; Futebol: um estudo sobre a capacidade tática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento. **Revista Brasileira de Futebol**, 2008. Jul-Dez; 01(2): 53-65.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 196 p.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

GALLAHUE, David L.; DONNELLY, F. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª Ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 1º São Paulo: Phorte, 2001. 641 p.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto: Porto, 1995.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos**. Programa de Pós Graduação de Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, UFRGS, 2014.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. 1995. 224 f. Tese – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1995.

GRECO, P. J. Tática e processos cognitivos subjacentes a tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S. LEMOS, K. L. M. (Org.).

Temas atuais em Educação Física e esportes – V. Belo Horizonte: Health, 2000. v. 5, p 11- 28.

KNIJNIK, J.D.; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C. Direitos Humanos e Especialização Esportiva Precoce: Considerações Metodológicas e Filosóficas. In: Afonso Antonio Machado (org.) **Especialização Esportiva Precoce: Perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí, Fontoura, 2008, pág. 109-128.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; MUNIZ, Igor Barbarioli. Competição e cooperação: na procura do equilíbrio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 129-143, jan/mar. 2013.

MACHADO, G. V.; *et al.* O *fair play* em competições esportivas: intervenção realizada no Programa Ensino Esporte e Juventude. In: **XIV Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa**. Belo Horizonte, MG, 2012.

MACHADO, Gisele Viola *et al.* A competição esportiva como elemento pedagógico em Projetos Sociais. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 9, p. 132-137, mar. 2013.

MALINA, R. M. Physical growth and biological maturation of young athletes. **Exercise and Sports Science Review**. v.22, p. 389-433, 1994.

MALINA, R.; BOUCHARD, C. Atividade física do atleta jovem: do crescimento à maturação. 1ed. São Paulo: Rocca, 2002.

MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004, p. 75-96.

MARQUES, A. T. O Treino e a Competição dos Mais Jovens: rendimento vs saúde. In: AMADIO, A.; BARBANTI, V.; BENTO, J.; **Esporte e Atividade Física**. Editora Manole, 1ª edição brasileira, p. 64, 2002.

MARQUES, António; OLIVEIRA, José. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, Valdir José. **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. São Paulo: Manole, 2002. p. 51-73.

MARQUES, R. *et al.* Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, setembro/dezembro de 2007.

MASSA, Marcelo; UEZU, Rudney; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista de Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-481, 2010.

MARTIN, Dietrich *et al.* **Metodología general del entrenamiento infantil y juvenil**. Barcelona: Paidotribo, 2004.

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.34-41, jan./mar. 2012.

MESQUITA, Isabel. **Pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MILISTETD, M. *et al.* Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá, v. 19, n. 2, p. 151 – 158, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NUNOMURA, M.; PIRES, F.; CARRARA, P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v.31, n.1, p.25-40, 2009.

NOLIGAFI. http://www.acessusesportes.com.br/admin/arquivos/arquivos/REGULAMENTO%202015_205212142.pdf

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: ROSE, D.; TRICOLI, V. (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte na Infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 73-83.

PALMEIRA, A. Vitórias e Derrotas: Intervenções do treinador. **Revista Treino Desportivo**, v. 5, n. 22, p. 10-17, 2003.

SCAGLIA, Alcides José; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato Sampaio. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. In: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 219-236.

SOARES, F. C.; MONTAGNER, P. C. A competição esportiva escolar como conteúdo de intervenção: um relato de experiência. In: MONTAGNER, P. C. (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências**. Phorte: São Paulo, 2011. p. 113-139.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROST, K. As Competições no Desporto Juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p. 3-10, jul. 1997.

SANTANA, Wilton Carlos de. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-22.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. In: REVERIDTO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.). **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 219-236.

SOLER, R. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SILVA, Pedro. A promoção do espírito desportivo no treino de jovens atletas. **Treino Desportivo**, Lisboa, n. 5, p. 31-38, 2004. volume especial. STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

THIESS, Günter; LÜHNENSCHLOSS, Dagmar; WILLE, Ulrich. La competición deportiva. In: THIESS, Günter; TSCHIENE, Peter; NICKEL, Helmut. **Teoría y metodología de la competición deportiva**. Barcelona: Paidotribo, 2004. Cap. 1, p.11-66.

TREPAT DE FRANCISCO, David. La educación en valores a través de la iniciación deportiva. In: BLÁZQUEZ-SÁNCHEZ, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 4 ed. Barcelona: Inde, 1999. Cap. 5, p. 95-110.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ANEXOS

ANEXO A

MODELO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TREINADORES DE FUTEBOL DAS CATEGORIAS DE ATÉ 10-13 ANOS.

Nota introdutória da Entrevista aos treinadores:

Atualmente, há duas concepções pedagógicas que discutem as competições esportivas infanto-juvenis:

Os pedagogos que rejeitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos no fato de que as competições esportivas possuem características agonísticas, além de promover valores exacerbados de concorrência e individualismo, em prejuízo de valores de igualdade e solidariedade;

Os pedagogos que aceitam a adoção das competições esportivas como um modelo de educação e formação de crianças e jovens sustentam seus argumentos pelas seguintes razões: 1) possibilidade que as competições oferecem de avaliar as próprias capacidades dos jovens, comparando-as com a dos outros; 2) de se mostrar tudo aquilo que se é capaz, de se obter sucesso, de se superar; 3) de se criar junto com os amigos; 4) de se criar e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade.

1. Você enquanto professor/treinador de futebol se identifica com qual das duas concepções teóricas acima descritas? Justifique.
2. Você acredita que o modelo utilizado para os teus treinamentos – estrutura, regras, conteúdos, métodos, código de condutas – atende os interesses e necessidades das crianças? Justifique.
3. Você acredita que esse modelo está adequado às capacidades - cognitivo-motoras, biológicas e psicossociais – das crianças? Justifique.
4. Você acredita que a sua proposta de treino e a proposta de competição estão coerentes e consequentes no que tange o processo de educação e formação dos atletas infantis de futebol das categorias até 13 anos? Justifique.

5. Você acredita que as crianças das categorias até 13 anos treinam futebol para competir ou utilizam a competição, ou atividades competitivas, como uma forma de treinar? Justifique.
6. Você acredita que o atual modelo de formação supervaloriza os resultados da competição – conforme o modelo adulto de alto rendimento – ou apropria-se dos resultados para melhor conduzir o processo de educação e formação das crianças? Justifique.
7. Você acredita que há potencialidades educativas nas vitórias e nas derrotas? Justifique.
8. Você percebe algum sentido pedagógico e moral na derrota? Justifique.
9. Você acredita que o número e a frequência de participações competitivas das crianças estão adequados à sua educação e formação? Considere não apenas as competições formais ou federadas, mas também pequenas competições: nos treinos, intercâmbios, etc. Justifique.
10. Em sua opinião, o que seria mais adequado à educação e formação de jovens: (a) evitar as competições de qualquer natureza; (b) participar apenas das competições menos estruturadas, simplificadas, diversificadas; ou (c) participar de todas as competições, tanto federadas quanto as menos estruturadas? Justifique

Ao final da entrevista, realizou-se mais um questionamento aberto. Onde o entrevistado poderia abordar um tema livre, discorrendo sobre as perguntas da entrevista e seus problemas, a importância da pesquisa para o campo de atuação, a sua atuação com os jovens, fazendo assim, suas considerações finais.

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente projeto de pesquisa, intitulado: “COMPETIÇÕES DE FUTEBOL UTILIZADAS COMO MEIO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS, NAS CATEGORIAS ATÉ 13 ANOS” tem por objetivo descrever/conhecer a situação e a aplicabilidade das competições de futebol até 13 anos como um modelo de educação e formação de crianças.

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar deste estudo por poder contribuir com o mesmo a partir dos seus conhecimentos e experiências. Se você concordar a participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista, gravada, com um roteiro pré-elaborado pelo pesquisador, com um tempo de duração de aproximadamente 25 minutos. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivencia e protagoniza o cotidiano da competição de futebol até 13 anos. Dessa forma, as informações e os resultados oriundos desse estudo poderão contribuir para o desenvolvimento do esporte em geral.

Cabe salientar que durante sua participação no estudo não haverá riscos adicionais aos já existentes ao seu dia a dia. Tampouco haverá riscos de exposição a partir de sua entrevista, tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos. Nesse caminho registra-se que a entrevista armazenada em gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será devolvido ao entrevistado para conferência das informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso. Neste momento, um novo termo de consentimento, que anuncie tal liberação, será assinado.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do seu telefone/email: (51) 8543-1096 / alexandre_hein@hotmail.com, ou de seu orientador, telefone/email (51) 9999-4957 / cbalbinotti@terra.com.br. Através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

ANEXO C**DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE**

Eu, _____,
portador (a) do CPF número _____ fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informações a respeito dos procedimentos de pesquisa realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado (a) que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido (a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, o aluno Alexandre Patz Hein, pesquisador, estará a disposição no telefone (51) 8543-1096, bem como seu orientador e pesquisador responsável, Prof. Carlos Adelar Abaide Balbinotti, pelo telefone (51) 9999-4957, atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629.

Declaro que recebi esta cópia do presente Termo de Consentimento.

_____/____/____/____

Local e Data

Assinatura do entrevistado (a)

Alexandre Patz Hein

Assinatura do Pesquisador

